

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI

Elisabete Maria Angelon

**LIVREMENTE: CLUBE DE LEITURA DA BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO
EDUCACIONAL SÃO CARLOS (FESC)**

São Carlos – SP
Fevereiro 2024

Elisabete Maria Angelon

**LIVREMENTE: CLUBE DE LEITURA DA BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO
EDUCACIONAL SÃO CARLOS FESC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos ((PPGCI-UFSCar) para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação

Área de Concentração: Conhecimento, Tecnologia e Inovação

Linha de pesquisa: Conhecimento e Informação para Inovação

Orientadora: Profa. Dra. Ariadne Chloe Mary Furnival

São Carlos – SP
Fevereiro 2024

Angelon, Elisabete Maria

Livremente: o clube de leitura da Biblioteca da Fundação Educacional
São Carlos / Angelon Elisabete Maria -- 2024.
102f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus
São Carlos

Orientadora: Ariadne Chloë Mary Furnival

Banca Examinadora: Luciana de Souza Gracioso, Henriette Ferreira Gomes.

1. Mediação da informação. 2. Biblioterapia. 3. clube de leitura. I. Angelon,
Elisabete Maria. II. Título.

CDD –020

Elisabete Maria Angelon – Bibliotecária – CRB-SP-010444/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Elisabete Maria Angelon, realizada em 28/03/2024.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Zaira Regina Zafalon (UFSCar)

Profa. Dra. Luciana de Souza Gracioso (UFSCar)

Profa. Dra. Henriette Ferreira Gomes (UFBA)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

À minha mãe, Ana Maria
Que me ensinou a viver com alegria. E a espalhá-la.

“Um mais um é sempre mais que dois”

Beto Guedes

RESUMO

A solidão já é apontada como uma epidemia mundial e declarada pela OMS como fator que afeta a saúde mental de pessoas de todas as idades. O envelhecimento populacional é outro fator de preocupação já que boa parte dos idosos vive sozinha. Vários países já implantaram políticas públicas para amenizar o problema. A Fundação Educacional São Carlos (FESC), situada na região central do Estado de São Paulo, disponibiliza atividades de educação ao longo da vida e socialização das pessoas, a maior parte dos alunos da FESC são idosos. Dispositivos dialógicos intergeracionais são importantes nos processos de construção de conhecimento e cultura na contemporaneidade. Por meio da mediação da informação exercida de forma consciente, o bibliotecário pode revelar o seu protagonismo social e contribuir para a formação de uma sociedade mais humana e justa. A observação das cinco dimensões que podem ser alcançadas na mediação da informação, que são: a dimensão dialógica, a dimensão estética, a dimensão ética, a dimensão formativa e a dimensão política, indicam a efetividade das atividades de uma mediação mais humanizadora e em consonância com o contexto sociocultural em que se passam. Na dimensão estética da mediação da informação, opera-se a biblioterapia, ação em que o sujeito pode exercer o reconhecimento de si e do outro e experienciar a ressignificação de suas emoções. Clubes de leitura são grupos de pessoas que se reúnem para praticar leitura compartilhada, eles proporcionam incentivo à leitura, alívio da tensão e bem-estar aos participantes. Esta pesquisa teve por objetivo evidenciar como a mediação da informação exercida de forma consciente pode promover a socialização das pessoas no contexto dos clubes de leitura. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujo método utilizado foi o estudo de caso no “Livramento”, o Clube de Leitura da Biblioteca da FESC, um clube de leitura intergeracional. As técnicas utilizadas foram a observação participante, aplicação de questionário semi-estruturado, coleta de depoimentos e fotografias. Os resultados apontam que as trocas de experiências entre pessoas de diferentes faixas etárias em um clube de leitura trazem vivências enriquecedoras em processos educativos, culturais e sociais. As atividades de mediação da informação desenvolvidas no “Livramento” alcançaram as dimensões dialógica, estética, ética e formativa da informação. Na percepção da dimensão estética da informação, houve indicativos de biblioterapia. Concluiu-se que clubes de leitura são uma ferramenta valiosa para o incremento do hábito de leitura, ampliação do conhecimento, desenvolvimento do pensamento crítico, melhora da auto-estima, consciência emocional, ressignificação de experiências, autoconhecimento, lazer, laços de amizade, sensação de pertencimento. O bibliotecário pode exercer seu protagonismo social atuando em clubes de leitura para promoção de apropriação da informação, apropriação cultural e socialização das pessoas.

Palavras chave: Mediação da informação; biblioterapia; atividades intergeracionais; clube de leitura; socialização.

ABSTRACT

Loneliness has been identified as a global epidemic and declared by the World Health Organisation as a factor that affects the mental health of people of all ages. Population aging is another factor of concern as most elderly people live alone. Several countries already implement public policies to alleviate the problem. The São Carlos Educational Foundation (FESC), located in the central region of the State of São Paulo, provides lifelong education and socialization activities for people. The majority of FESC students are elderly. Intergenerational dialogic practices are important in the processes of building knowledge and culture in contemporary times. Through consciously exercised information mediation, librarians can reveal their social protagonism and contribute to the formation of a more humane and fair society. The observation of the five dimensions that can be achieved in information mediation, which are: the dialogic dimension, the aesthetic dimension, the ethical dimension, the formative dimension and the political dimension, indicate the effectiveness of the activities of a more humanizing mediation, in line with the sociocultural context in which they take place. In the aesthetic dimension of information mediation, bibliotherapy operates, an action in which the subject can exercise recognition of themselves and others and experience the resignification of their emotions. Reading clubs are groups of people who come together to practice shared reading, they provide encouragement for reading, a sense of well-being for participants and relief from tension. This research aimed to highlight how the mediation of information exercised consciously can promote the socialization of people in the context of reading clubs. This research took a qualitative approach, the method used was a case study in “Livramento”, the FESC Library Reading Club, which is an intergenerational reading club. The techniques used were participant observation, application of a semi-structured questionnaire, collection of statements and photographs. The results indicate that exchange of experiences between people of different age groups in a reading club bring enriching experiences in educational, cultural and social processes. The information mediation activities developed in “Livramento” reached the dialogical, aesthetic, ethical and formative dimensions of information. In the perception of the aesthetic dimension of information, there were indications of bibliotherapy. It was concluded that reading clubs are a valuable tool for increasing the reading habit, expanding knowledge, development of critical thinking, improving self-esteem, emotional awareness, reframing experiences, self-knowledge, leisure, friendship bonds, and a sense of belonging. Librarians can exercise their social role by working in reading clubs to promote the appropriation of information, cultural appropriation and socialization of people.

Keywords: Information mediation; bibliotherapy; intergenerational activities; reading club; socialization.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
2 INTRODUÇÃO	12
2.1 Sobre a solidão.....	13
2.1.1 Solidão	14
2.1.2 Envelhecimento da População.....	17
2.1.3 Inclusão Social de Idosos e Agenda 2030	20
2.2 Objetivo Geral.....	23
2.3 Objetivos Específicos	23
3 REFERENCIAL TEÓRICO	24
3.1 Mediação da Informação e o Protagonismo Social	24
3.1.1 Biblioterapia	38
3.2 Clubes de Leitura	52
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
4.1 Fundação Educacional São Carlos (FESC).....	62
4.1.1 Clube de Leitura da Biblioteca da FESC: dinâmica e relato das atividades de 2023.....	66
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	75
6 CONCLUSÕES.....	84
REFERÊNCIAS	88

1 APRESENTAÇÃO

Como egressa do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e atuando como bibliotecária na Fundação Educacional São Carlos (FESC) desde 2019, senti-me motivada a realizar um trabalho acadêmico para apresentar o trabalho da Biblioteca na Fundação. Esta motivação veio depois de assistir a um documentário sobre a criação do Ministério da Solidão no Reino Unido. A reportagem apresentava o caso de uma mulher que foi encontrada morta em seu apartamento. Ela falecera três anos antes e ninguém reclamou o seu desaparecimento. A mesma reportagem dizia que muitas pessoas moravam sozinhas pelo país e que muitas delas só conversavam com outras pessoas quando iam ao supermercado ou farmácia, ou seja, com atendentes em unidades de serviços. Por esta razão o governo resolveu criar o Ministério da Solidão no Reino Unido e iniciar atividades de socialização nas comunidades por todo o país. Foi então que pensei “a FESC já faz isso”, assim escrevi um projeto de pesquisa. No ano de 2019, a FESC foi contemplada com o Projeto do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO) do governo do Estado de São Paulo. Em uma parceria com o Departamento de Ciências Ambientais da Universidade Federal de São Carlos (DCAm-UFSCar) e com o Centro de Divulgação Científica e Cultural da Universidade de São Paulo (CDCC-USP). Foi assim que a Biblioteca da FESC passou por uma reforma. Com recursos próprios e recursos do FEHIDRO, a biblioteca ganhou novas instalações, novo mobiliário e equipamentos. Em 2023, foram implantados dois projetos de ação cultural: “Educação Ambiental na EcoBrinquedoteca da FESC” e o “Clube de Leitura da FESC”. Ingressei no Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos (PPGCI-UFSCar) com o projeto “EcoBrinquedoteca da FESC como espaço de Educação Ambiental”, na área de concentração “Conhecimento, Tecnologia e Inovação” e linha de pesquisa “Conhecimento e Informação para Inovação”. O projeto de pesquisa apresentado referia-se às atividades de Educação Ambiental sobre o Cerrado, que eu realizava juntamente com uma Engenheira Florestal contratada pela FESC para prestar este serviço. Inicialmente este trabalho de pesquisa para o mestrado intencionava analisar a inclusão de idosos no contexto da Educação Ambiental por meio de atividades intergeracionais. Assim foi submetido e aprovado

na Plataforma Brasil o projeto “Ecobrinquedoteca da FESC Como Espaço Intergeracional De Educação Ambiental”.

Porém, no decorrer do ano (2023) minha orientadora sugeriu a mudança de tema para o projeto “Clube de Leitura da Biblioteca da FESC”, pois sentiu que eu tinha um envolvimento mais profundo com este. O projeto do Clube de Leitura foi implantado na Bilblioteca da FESC em 2023 para promover encontros semanais com dez participantes e com o objetivo de promover o desenvolvimento de competências leitoras, a troca de experiências de leitura, a ampliação do conhecimento, o enriquecimento do vocabulário, o aprimoramento da concentração, o desenvolvimento do pensamento crítico e a socialização das pessoas.

2 INTRODUÇÃO

A solidão já é apontada como uma epidemia mundial e declarada pela OMS (2023) como fator que afeta a saúde mental de pessoas de todas as idades. O envelhecimento populacional é outro fator de preocupação já que boa parte dos idosos vive sozinha. Vários países já implantam políticas públicas para amenizar o problema. A Fundação Educacional São Carlos (FESC) é um exemplo de iniciativa local que tem por missão promover educação ao longo da vida e socialização das pessoas. Situada na região central do Estado de São Paulo, a fundação disponibiliza cerca de três mil vagas em diversos cursos, os alunos são idosos em sua maioria.

De acordo com a Agenda 2030 (ONU, 2015), os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) dialogam com as políticas e ações nos âmbitos regional e local, portanto iniciativas locais são imprescindíveis para alcançar os objetivos internacionalmente acordados. O aspecto social e as tendências contemporâneas da Ciência da Informação, conforme Araújo (2017), preconizam iniciativas práticas de atuação profissional com o objetivo de atender às necessidades de informação do sujeito levando em conta o contexto histórico, econômico, social e político em que ele vive, propiciando uma atuação mais humanizada. Neste sentido, as bibliotecas públicas podem contribuir para o bem-estar das pessoas em suas comunidades disponibilizando atividades inclusivas.

Paiva (2015) apresenta as trocas intergeracionais como diálogo essencial entre graus etários distintos, entre experiências socioculturais não necessariamente idênticas. A autora reitera a importância dos dispositivos dialógicos intergeracionais nos processos de construção de conhecimento e cultura na contemporaneidade. Segundo a autora, observa-se um movimento de dimensões internacionais de resgate do idoso e sua experiência como forma de reinserção de tal segmento na vida sociocultural.

Para Ranganathan (*apud* Gomes, 2014) a biblioteca é um organismo vivo e a mediação da informação tem caráter alteritário e dialógico. Por meio da mediação da informação exercida de forma consciente, o bibliotecário pode promover a apropriação da informação pelos sujeitos, revelando assim o seu protagonismo social e contribuindo para a formação de uma sociedade mais humana e justa. A observação de cinco dimensões podem ser realizada na mediação da informação, são elas: a

dimensão dialógica, a dimensão estética, a dimensão ética, a dimensão formativa e a dimensão política. O alcance destas dimensões indica a efetividade das atividades de uma mediação da informação mais humanizadora e em consonância com o contexto sociocultural em que se passam. Na dimensão estética da mediação da informação, opera-se a biblioterapia. Segundo Caldin (2001) a biblioterapia ocorre quando, no processo hermenêutico da leitura, o sujeito experimenta a identificação com fatos ou personagens, passa pela introjeção tomando para si sentimentos, passa também pela projeção externando suas emoções e por fim experimenta a catarse. Neste processo há o reconhecimento de si e do outro, que culmina com a ressignificação de suas emoções. A ação efetiva e acolhedora do mediador de leitura pode levar ao alcance das diferentes dimensões da mediação da informação e à biblioterapia, promovendo sensação de bem-estar e acolhimento às pessoas. Neste ponto, o bibliotecário manifesta seu protagonismo social.

Este trabalho entende-se como consonante à área de concentração e linha de pesquisa 1 do Departamento de Ciência da Informação (DCI-UFSCar), que traz em seu arcabouço um conceito abrangente de inovação que, para além do desenvolvimento de produtos e serviços, aborda as novas configurações e arranjos sociais. A pesquisa teve por objetivo evidenciar como a mediação da informação exercida de forma consciente pode promover a socialização das pessoas no contexto dos clubes de leitura. Clubes de leitura, segundo Gallian (2017) são grupos de pessoas que se reúnem para praticar leitura compartilhada de obras literárias e realizam debates sobre os conteúdos lidos em encontros periódicos. Os clubes de leitura não são novidade e encontram-se em plena expansão no país. As atividades de leitura compartilhada são feitas em estabelecimentos públicos e privados e proporcionam incentivo à leitura, alívio da tensão e bem-estar aos participantes. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujo método utilizado foi o de estudo de caso realizado no “Livramento”, o Clube de Leitura da Biblioteca da FESC. Para o estudo, foram utilizadas as técnicas de observação participante, aplicação de questionário, coleta de depoimentos e fotografias.

2.1 Sobre a solidão

A solidão já é apontada como uma epidemia mundial e declarada pela OMS (2023) como fator que afeta a saúde mental de pessoas de todas as idades. Governos de alguns países já implantaram políticas públicas concretas, disponibilizando

recursos para o atendimento da população diretamente em suas comunidades para atenuar o problema da solidão.

2.1.1 Solidão

A OMS (2023) anunciou a criação da Comissão de Conexão Social que buscará formas de enfrentar a epidemia global de solidão. Pessoas de qualquer idade e em qualquer lugar podem se sentir solitárias ou socialmente isoladas e isto pode ocasionar problemas de saúde de ordem física ou mental, bem como no bem-estar de comunidades e da sociedade. Assim, a Comissão de Conexão Social (2024-2026) analisará dados científicos recentes para que esta questão seja reconhecida como prioridade global de saúde pública e seja dotada de recursos para a concepção de estratégias para melhorar a socialização das pessoas nos próximos três anos. Segundo a OMS, uma em cada quatro pessoas idosas sofre isolamento social. Os comissários atuarão na organização de ações, na ampliação de soluções comprovadas e na mensuração da eficácia das iniciativas. De acordo com a PEBMED (2023), estima-se que problemas causados pela solidão atinjam um em cada quatro idosos e entre cinco e quinze por cento dos adolescentes em todo o mundo, sendo as taxas nos países de baixo ou médio rendimento comparáveis ou mesmo superiores às dos países de rendimento elevado. O isolamento social tem impactos graves na saúde e longevidade das pessoas, mas ainda são pouco reconhecidos. A solidão está associada à ocorrência de ansiedade, depressão, demência, doenças cardiovasculares, suicídios e mortes prematuras. O isolamento social traz consequências negativas também para as comunidades e sociedades inteiras, já que uma governança satisfatória pressupõe boa qualidade de relações entre as pessoas em seus bairros, locais de trabalho, escolas, etc. Uma análise do registro de mortalidade de 458.146 adultos no UK Biobank, do Reino Unido, mostrou que as pessoas que recebem visitas frequentes têm uma probabilidade 39% menor de morrer por doenças cardiovasculares do que as que permanecem sozinhas todo o tempo.

Rodrigues (2018) afirma que isolamento social corresponde a um número reduzido de interações sociais e relacionamentos, já a solidão é um sentimento mais complexo resultante da sensação desagradável de ter relações sociais insuficientes ou de baixa qualidade, falta de apoio e de rede social.

A solidão constitui um problema social cada vez mais prevalente, devido ao envelhecimento populacional e às mudanças na organização da sociedade e

na estrutura e dinâmica das famílias. A solidão é uma fonte de sofrimento significativo, associando-se à redução da qualidade de vida e ao aumento da morbidade e mortalidade. Têm sido estudadas diversas intervenções dirigidas à redução da solidão, sendo mais eficazes as que abordam as cognições sociais maladaptativas. Torna-se urgente, numa sociedade cada vez mais envelhecida e isolada, a reflexão crítica sobre este tema, a sensibilização dos profissionais que lidam com este problema e o desenvolvimento de soluções que promovam uma sociedade mais integradora. (Rodrigues, 2018, p. 1)

Na Europa, a solidão vem crescendo nas últimas décadas e fatores como o envelhecimento populacional, divórcios, maior mobilidade geográfica e diminuição das dimensões familiares são apontados como fatos desencadeadores do problema. Aprofundar relações interpessoais é imprescindível para manter o bem estar físico e mental ao longo da vida, somos fundamentalmente uma espécie social.

Para Spanemberg (2023), conexões sociais empobrecidas são associadas a um risco aumentado de doenças físicas e mentais. A solidão é a sensação de desconexão, de não pertencimento a um grupo social, que traz implicações emocionais e comportamentais. O psiquiatra cita um estudo que apurou como sendo o que fazia as pessoas se sentirem felizes no final da vida não o sucesso financeiro, emprego dos sonhos, fama ou dinheiro, mas, sim, ter relações importantes e significativas ao longo da vida. Na solidão, o isolamento não está mais a serviço de uma experiência de bem-estar, como uma leitura ou o contato com a natureza, mas passa a apresentar padrões prejudiciais, como ficar apenas em casa, abusar de álcool e outras drogas e se desconectar de todo o restante. A pessoa pode apresentar descuidos com a própria saúde e a aparência, perda de autocuidado e irritabilidade nos momentos em que é necessário ter contato com o outro.

Em 2018, a então Primeira Ministra do Reino Unido, Theresa May anunciou a primeira estratégia para combater a solidão naquele país. Um relatório divulgado no ano anterior apontara que o impacto negativo da solidão sobre a saúde do indivíduo, pode ser semelhante ao de fumar quinze cigarros por dia. Apesar de ser registrada em todas as idades, a solidão no Reino Unido afetava acima de tudo pessoas com mais de 75 anos. Na ocasião, estimava-se que metade das pessoas nessa faixa etária viviam sozinhas no país, muitas diziam passar dias ou mesmo semanas sem nenhuma interação social. Na ocasião, Tracey Crouch, nomeada Ministra da Solidão, disse à BBC que um fundo milionário seria usado para criar uma estrutura contra a solidão dos britânicos. A Ministra reconheceu que o fechamento de bibliotecas e centros de lazer que ocorrera em alguns locais representou um obstáculo nesse sentido. De

acordo com a Cruz Vermelha Britânica (2018) tratava-se de uma epidemia oculta, a solidão era um problema que afetava mais de nove milhões de pessoas e estava associado à demência, mortalidade prematura e pressão sanguínea alta dos cidadãos britânicos.

No lançamento do Ministério da Solidão, a primeira-ministra declarou que todos os médicos de clínica geral do Reino Unido poderiam encaminhar pacientes em solidão para atividades comunitárias e serviços voluntários. Na época, três quartos dos médicos de clínica geral entrevistados disseram que atendiam entre uma e cinco pessoas por dia sofrendo com a solidão, que está ligada a uma série de impactos prejudiciais à saúde, como doenças cardíacas, derrames e doença de Alzheimer. Cerca de 200.000 idosos não conversavam com um amigo ou parente há mais de um mês. A prática conhecida como “prescrição social” permitiria que os médicos de clínica geral encaminhassem os pacientes para os trabalhadores comunitários, oferecendo suporte personalizado para ajudar as pessoas a fim de melhorar sua saúde e bem-estar, em vez de optar pela medicina.

Assim, um financiamento foi disponibilizado para encaminhar pacientes a uma variedade de atividades, como aulas de culinária, clubes de caminhada e grupos de arte, reduzindo a demanda no sistema de saúde e melhorando a qualidade de vida dos pacientes. Também houve a iniciativa de aumentar o número de espaços comunitários disponíveis transformando áreas subutilizadas, para a criação de novos cafés comunitários, espaços de arte ou jardins.

A primeira-ministra declarou ainda que o lançamento do Ministério da Solidão seria o começo de uma mudança social longa e de longo alcance no país, um primeiro passo em uma missão nacional para enfrentar esse desafio geracional. Assim, diversos departamentos do governo adicionaram o tema “solidão” a seus escopos de atuação implantando políticas públicas de combate a esse mal. A solidão também foi incorporada como tema em escolas primárias e secundárias para enfatizar o valor das relações sociais. Segundo a ministra, ao reunir serviços de saúde, empresas, autoridades locais, instituições de caridade e grupos comunitários, aumentaria a conscientização sobre a solidão e a contribuição para que as pessoas pudessem construir conexões para levar uma vida mais feliz e saudável.

Em 2021, o Japão também criou o Ministério da Solidão, para amenizar os problemas crescentes de saúde mental dos cidadãos japoneses. Mais recentemente, conforme Frehse (2023), o Estado de Nova York nomeou a terapeuta psicossocial Ruth

Westheimer como embaixadora honorária da solidão.

Torbjörn Tapani (2024) afirma que a cidade de Luleå, no norte da Suécia, lançou a campanha “Diga olá!”, com anúncios em ônibus e palestras em escolas. O objetivo é promover a interação social e reduzir a solidão entre seus moradores, principalmente no inverno, quando há apenas três horas de luz solar por dia e o isolamento aumenta.

No Brasil há poucos estudos sobre os efeitos da solidão na saúde mental das pessoas. De acordo com o IBGE (2022) de um total de 74,1 milhões de domicílios no Brasil, 15,9% (ou 11,8 milhões) tinham apenas um morador em 2022. Deste total, 41,8% dos domicílios unipessoais são de pessoas com mais de 60 anos. Segundo Fontes (2023), é a maior proporção das chamadas unidades domésticas unipessoais em uma série histórica com dados desde 2012.

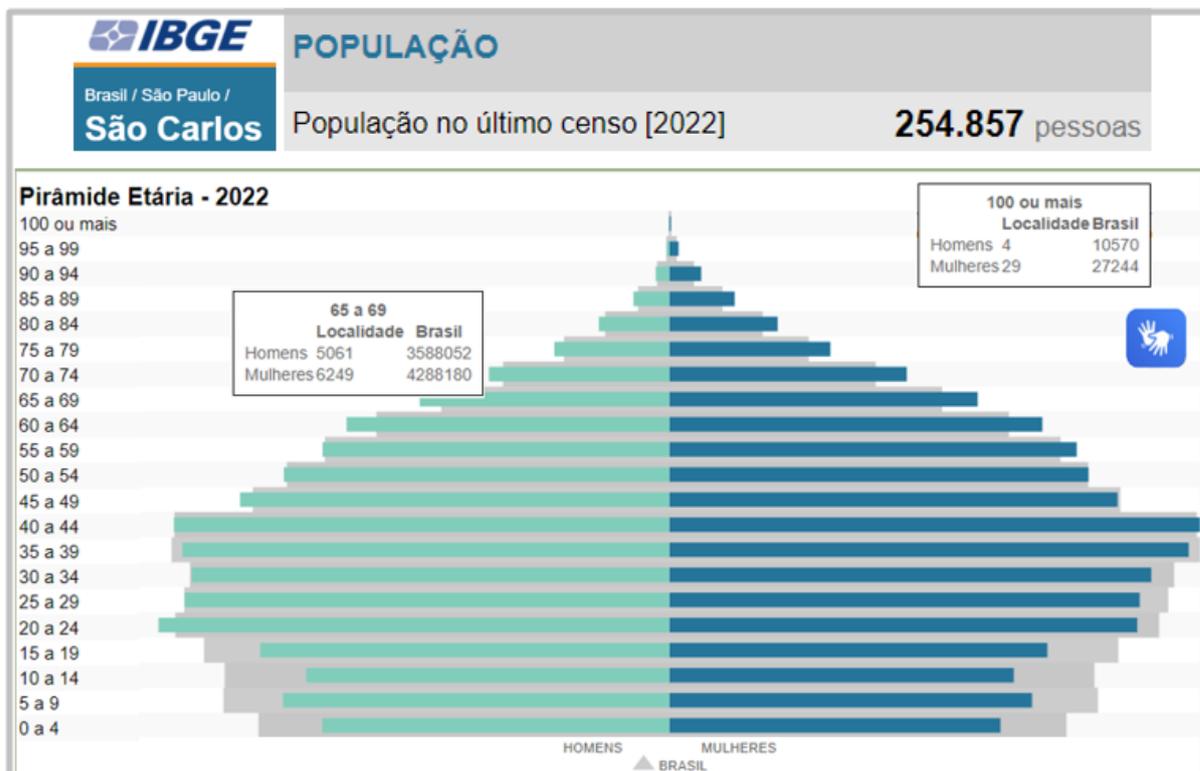
Segundo Pinsky (2023) no Brasil, 15% dos estudantes brasileiros com idades entre 13 e 17 anos, se sentiam solitários por várias razões. Iniciativas menos metódicas já ocorrem em alguns lugares. No estado de São Paulo, algumas UBS (Unidades Básicas de Saúde) oferecem encontros de meditação, caminhadas, produção de artesanato, entre outras atividades. Para melhorar a saúde das comunidades, não resta dúvida que investimento, regularidade e integração com outros serviços são fundamentais.

2.1.2 Envelhecimento da População

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005, *apud* Conceição; Bifano; Costa, 2020, p. 75) define que uma pessoa é idosa quando atinge a idade de 65 anos ou mais em países desenvolvidos e quando atinge os 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento. O aumento da expectativa de vida, que ocorre em larga escala, deve-se à decrescente taxa de natalidade, que o Brasil observou a partir da década de 1970, e ao avanço da tecnologia em saúde.

Conforme o XIII Recenseamento Geral do Brasil (Censo 2022), em dez anos o número de pessoas com 60 anos ou mais passou de 11,3% para 14,7% da população. O aumento de cerca de 9 milhões de idosos no país indica uma mudança na estrutura etária da nação brasileira. Na cidade de São Carlos, região central do Estado de São Paulo, a população ultrapassou 254 mil habitantes, sendo que 5,5% (46.117 indivíduos) são pessoas com mais de 60 anos, 33 delas com mais de cem anos de idade. (Figura 1).

Figura 1: Demonstrativo Populacional 2022 em São Carlos -SP



Fonte: IBGE (2022)

Chubaci (2023) declara que tal mudança ocorre em razão do avanço da medicina e da redução da taxa de fecundidade no país. Para a pesquisadora, alguns países tiveram maior preparação para o envelhecimento da população, como o Japão, Canadá, Dinamarca e Estados Unidos. Segundo a autora, os centros de convivência para idosos, que têm o objetivo promover um envelhecimento mais saudável e ativo, precisam ser ampliados para todas as regiões do Brasil para adicionar qualidade de vida aos idosos. “O processo de envelhecimento se inicia desde o momento em que nascemos, por isso, é importante investir em um envelhecimento saudável e de forma ativa” (Chubaci, 2023, p. 3).

Para Minayo (2006, *apud* Menezes; Lopes, 2020), em 2025 haverá aproximadamente 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos no mundo. Segundo a autora, o Brasil vive a “Era do Envelhecimento”, período de 1975 a 2025, quando deverá se tornar o sexto país no mundo com a maior população de idosos.

Segundo Vega, Morsch (2021, p. 27), “O envelhecimento na América Latina é um dos mais rápidos do mundo e até o ano de 2050 um em cada quatro latino- americanos terá mais de 60 anos”. O Brasil destaca-se com uma população de mais de 28 milhões

de pessoas idosas (60+), representando 13% da população brasileira.

A Década do Envelhecimento Sustentável (2021-2030) está alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e consiste em dez anos de colaboração multissetorial, concertada, catalítica e sustentada para promover o envelhecimento saudável e melhorar a vida das pessoas idosas, suas famílias e comunidades. (Vega, Morsch, 2021, p, 30).

Para atingir esses objetivos, a 73ª Assembleia Mundial da Saúde realizada em Genebra, (WHO, 2020) estabeleceu quatro áreas de ação:

- a) mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos em relação à idade e ao envelhecimento;
- b) garantir que comunidades promovam as capacidades das pessoas idosas;
- c) oferecer serviços de cuidados integrados e de atenção primária à saúde centrados na pessoa e adequados à pessoa idosa;
- d) propiciar o acesso a cuidados de longo prazo às pessoas idosas que o necessitem.

No Brasil, o art. 229º da Constituição Federal determina que “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade”. O art. 230º salienta que “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.”.

A Política Nacional do Idoso (PNI, 1994) tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Regulamenta a idade de 60 anos para que uma pessoa seja considerada idosa. São princípios da PNI:

- I - a família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida;
- II - o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos;
- III - o idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza;
- IV - o idoso deve ser o principal agente e destinatário das transformações a serem efetivadas através desta política;
- V - as diferenças econômicas, sociais, regionais e, particularmente, as contradições entre o meio rural e o urbano do Brasil deverão ser observadas pelos poderes públicos e pela sociedade em geral, na aplicação desta Lei.

Em 1º de Outubro de 2003 foi aprovado o Estatuto do Idoso. Este incluiu a

legislação brasileira entre as mais modernas e avançadas leis do mundo, quanto ao reconhecimento dos direitos dos idosos. Assegura proteção social em diversas áreas, como: Saúde, Educação, Transporte, Assistência Social, entre outras. Além disso, estabelece punições para violação dos direitos da pessoa idosa.

2.1.3 Inclusão Social de Idosos e Agenda 2030

Segundo Vechiato e Vidotti (2014), estudar os idosos como usuários da informação é um desafio. O processo de envelhecimento pode trazer alterações físicas e cognitivas que influenciam na busca, acesso e uso da informação. Para os autores, é importante que os bibliotecários desenvolvam ações para inclusão dos idosos, potencializando seu papel na sociedade. Estímulos de aprendizagem podem manter nos idosos condições facilitadoras de construção de novos conhecimentos. Além de acessível, o espaço da biblioteca deve ser intuitivo e fácil de ser percebido. É importante que os bibliotecários conheçam aspectos biológicos, sociais, culturais e estilos de vida de seus usuários.

Estudos atuais com vistas à inclusão de idosos, relatam a realização de atividades intergeracionais em várias áreas do conhecimento, tais como a Enfermagem, a Gerontologia, a Fonoaudiologia, bem como a Ciência da Informação. O envolvimento de pessoas de diferentes faixas etárias em atividades de educação e entretenimento têm o objetivo de proporcionar aprendizagem de uma geração com as outras, o respeito e valorização de todos, bem como dirimir preconceitos. Com o envelhecimento da população mundial, torna-se imperativo que os bibliotecários desenvolvam ações para a inclusão desse público, auxiliando-os na construção e compartilhamento de novos conhecimentos, acolhimento e sensação de pertencimento.

Um levantamento bibliográfico feito em 2020, aponta a demanda por novas publicações no âmbito da Ciência da Informação sobre mediação da informação voltada para o público idoso. Segundo Calheira *et al* (2020), é essencial que a Ciência da Informação busque pesquisar, estudar e refletir sobre as distintas possibilidades de contribuição para o público da terceira idade, por meio da mediação da informação.

Os estudos científicos da Ciência da Informação demonstram que há uma aproximação entre a fundamentação teórica e o conjunto de práticas nas intervenções da realidade social e seu olhar sobre os programas e as políticas da Ciência da Informação. Assim, pesquisas voltadas para o universo gerontológico podem ser relevantes para o cenário social dessa população. (Calheira *et al* (2020, p. 593).

Para Lucca e Vitorino (2019), nas bibliotecas podem ser promovidos encontros de idosos e também encontros intergeracionais para troca de experiências, podendo ser desenvolvidas atividades como *storytelling*, dinâmicas de grupo e outras atividades interativas, com o intuito de gerar competência em informação.

Em 2016 entrou em vigor a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, uma iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU), um compromisso firmado entre as 193 nações participantes. A Agenda apresenta 17 objetivos para que o planeta vislumbre, num futuro próximo, expansão econômica e diminuição da desigualdade social com proteção ambiental. Os objetivos englobam:

- a) Erradicação da pobreza;
- b) Fome zero e agricultura sustentável;
- c) Saúde e bem-estar para todos em todas as idades;
- d) Educação de qualidade;
- e) Igualdade de gênero;
- f) Água potável e saneamento;
- g) Energia limpa e acessível;
- h) Trabalho decente e crescimento econômico;
- i) Indústria, inovação e infraestrutura;
- j) Redução das desigualdades;
- k) Cidades e comunidades sustentáveis;
- l) Consumo e produção sustentáveis;
- m) Ação contra a mudança global do clima;
- n) Vida na água;
- o) Vida terrestre;
- p) Paz, justiça e instituições eficazes;
- q) Parcerias e meios de implementação.

Kosciejew (2020) afirma que as bibliotecas públicas podem atuar como motores de mudança que impulsionam o desenvolvimento, sendo cruciais para a realização da Agenda 2030. Para o autor, as bibliotecas públicas são espaços inclusivos que oferecem oportunidades educacionais, culturais e sociais a todas as pessoas. O autor afirma ainda que é necessário expandir a consciência da Agenda 2030 da ONU na disciplina de Ciência da Informação e que, assuntos como ciências ambientais, economia, estudos de saúde, direito, estudos feministas e direitos humanos são

relativamente pouco explorados por essa área do conhecimento.

Bibliotecas públicas podem ajudar a melhorar a qualidade de vida oferecendo acesso gratuito e aberto a diversos tipos e formatos de informação, espaços livres de união e engajamento e oportunidades de lazer individual e educação. Suas contribuições à comunidade podem concorrer para realizar o terceiro, quinto e também o décimo primeiro objetivos da Agenda 2030. (Kosciejew, 2020, p. 334, tradução nossa).

Os objetivos citados pelo autor referem-se respectivamente aos tópicos:

- a) Objetivo 3: Boa saúde e bem-estar, ou seja, garantir uma vida saudável e promover o bem-estar para todos em todas as idades;
- b) Objetivo 5: Igualdade de gênero, alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas;
- c) Objetivo 11: Cidades e comunidades sustentáveis, construir cidades e assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

Para a Federação Internacional de Associações e Instituições de Bibliotecas (IFLA, 2019), as bibliotecas dão um grande contributo para o desenvolvimento e sendo assim, a Federação atualizou o conjunto de ferramentas a serem utilizadas pelas bibliotecas como planos de desenvolvimento nacionais e regionais com a intenção de adequá-las ao cumprimento da Agenda 2030 da ONU.

Segundo a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB, 2020), em sua 27ª edição, o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB, 2017) teve como tema central “Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas: como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030” e conclamou os profissionais brasileiros a relatar programas e projetos desenvolvidos em sintonia com as premissas estabelecidas pela Agenda. Ainda de acordo com a FEBAB (2020), em todo o mundo há 320.000 bibliotecas públicas e que:

Muitos programas e projetos estão sendo realizados para apoiarem o cumprimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, pois as bibliotecas estão comprometidas com esse chamado mundial por um mundo mais justo, solidário e com respeito ao meio ambiente. (FEBAB, 2020, p. 4)

Em consonância com o objetivo 3 da Agenda 2030, que trata de assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades, estudos recentes em diversas áreas do conhecimento apontam a preocupação com o envelhecimento populacional mundial e a necessidade da adoção de novas políticas públicas para proporcionar maior qualidade de vida e bem-estar aos idosos.

2.2 Objetivo Geral

Esta pesquisa teve por objetivo geral evidenciar como a mediação da informação exercida de forma consciente pode promover a socialização das pessoas no contexto dos Clubes de Leitura.

2.3 Objetivos Específicos

- a) Analisar as percepções das participantes do “Livramento”, o Clube de Leitura da Biblioteca da FESC, a respeito das atividades realizadas;
- b) Identificar o alcance das dimensões da mediação da informação nas ações do “Livramento”;
- c) Identificar indícios de ocorrência de biblioterapia;
- d) Apresentar o papel do mediador da informação em seu protagonismo social;
- e) Apontar os clubes de leitura como fator de socialização das pessoas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo são apresentados os históricos e conceitos de temas que serviram de base para esta pesquisa, tais como: mediação consciente da informação; mediação da informação e suas cinco dimensões; protagonismo social do bibliotecário; biblioterapia e clubes de leitura.

3.1 Mediação da Informação e o Protagonismo Social

De acordo com Gomes (2020) o campo da Ciência da Informação tem avançado na formulação de abordagens teóricas que situam a informação em uma perspectiva social. Para Gomes e Novo (2017) a informação e protagonismo social estão intrinsecamente associados “[...] a atitude do protagonismo nos estudos de informação tem por fundamento a valorização da interação social, do capital intelectual e cultural e da produção social dos saberes” (Gomes, Novo, 2017, p.7). O objeto informação tem relação com a concepção, promoção e valorização do protagonismo social e visa atender aos novos tipos de necessidades informacionais da sociedade contemporânea.

Apresentada por Shera (1977), a disciplina Epistemologia Social surgiu da necessidade da concepção de um *corpus* de conhecimento sobre o próprio conhecimento. Naquela ocasião, experimentos apontavam que o ser humano tem necessidade de novidade, que passar por privações sensoriais faziam com que as pessoas chegassem à beira da demência. Novas informações são imprescindíveis para a sanidade mental. Conhecimento e linguagem são inseparáveis. O ser humano é um ser singular com alta capacidade de experimentar e comunicar suas experiências por meio de uma representação simbólica e isso é uma necessidade essencial à sobrevivência humana. O mesmo se dá com as sociedades. De acordo com o autor, como o cérebro se deteriora, uma sociedade também entra em decadência quando não assimila novas informações. A linguagem determina o comportamento e a conduta de um indivíduo tanto quanto a de grupos. A disciplina epistemologia social ocupa-se dos meios pelos quais uma sociedade alcança a compreensão da totalidade dos estímulos que atuam sobre ela. Além de seu *corpus* de conhecimento teórico, a epistemologia social é também uma disciplina muito prática. Mediante o avanço tecnológico e explosão informacional e o despreparo psicológico e social dos indivíduos para tal transformação, cabe ao bibliotecário

umentar a utilidade social dos registros gráficos seja para atender uma criança analfabeta ou um erudito com uma indagação esotérica. Ressaltando o papel do mediador da informação, o autor afirma que o armazenamento e recuperação da informação devem ser operados de forma a contribuir para que o homem possa melhor alcançar a compreensão do universo em que vive e para o bem da humanidade. “O bibliotecário é o supremo ‘ligador do tempo’ e sua disciplina é a mais interdisciplinar de todas” (Shera, 1977, p. 11). Segundo Shera (*apud* Campello, 2009) o ato da mediação da informação seria o verdadeiro papel do bibliotecário. O autor visualizava uma função educativa específica para este profissional e enfatizava a necessidade de pesquisas que ajudassem a compreender melhor como as pessoas aprendiam por meio da informação e também como se dava o processo de comunicação por meio da biblioteca.

Conforme Araújo (2003), a ciência pós-moderna surge da superação da crise do paradigma científico dominante desde o século XVII, a superação do modelo da racionalidade cartesiana. No caso da Ciência da Informação, a característica mais importante que marca a sua essência pós-moderna é a sua natureza interdisciplinar. Porém, para se concretizarem os preceitos de ciência social e pós-moderna fazem-se necessárias mais pesquisas nessa área que efetivamente incorporem todo o avanço acumulado nesse processo e não apenas fiquem no discurso de uma mudança paradigmática, sem de fato realizá-la. Que tipo de bibliotecário você vai ser? Essa foi a pergunta proposta por Araújo (2018) sobre a conduta de profissionais na mediação da informação numa palestra proferida na UFPE em que o autor anunciava as tendências contemporâneas da Ciência da Informação. Para o autor, a Ciência da Informação como ciência humana e social requer estudos e reflexões sobre ações práticas de produção, circulação, acesso e apropriação da informação, já que parte da população mundial segue apartada desse acesso, o que além de ser um problema econômico, é também um problema informacional. Com a consolidação desta nova área do conhecimento, o cerne da Ciência da Informação deixa de ser não só com a custódia ou posse de documentos, mas sim, a circulação, disseminação e apropriação do conteúdo destes. A preocupação com o usuário não se limita ao sujeito apenas, mas também abrange aspectos históricos, econômicos, sociais, políticos, entre outros, nos quais este sujeito se encontra inserido. Desta forma, a informação é dinâmica e influenciada por sujeitos, ambientes e a entropia e se relaciona com a cultura, memória, mediação e saberes. “Os processos envolvidos com o uso da informação

envolvem imaginação, apropriação, questionamentos, tensionamentos, e tais processos são vividos a partir de categorias construídas socialmente” (Araújo, 2017, p. 21).

Sendo a Ciência da Informação uma ciência social e humana, ela tem por objeto o estudo da informação registrada, mas conforme Almeida Jr. (2009) este objeto pode ser ampliado para a mediação da informação. O autor apresenta discussões sobre a mediação da informação como objeto de estudo da área da Ciência da Informação. Nesta ocasião, o autor contesta a ideia de que a mediação da informação seria uma espécie de ponte para levar uma informação estática de um ponto a outro, como é entendida ao ser vinculada aos serviços de referência e informação. Baseado em duas ideias principais: a interferência e a apropriação da informação ele apresentou um conceito para mediação da informação. No processo da mediação da informação, o usuário participa como sujeito ativo, não apenas um receptor, mas um ator central no ato da apropriação da informação, passando a ser um construtor, um co-produtor da informação, modificando-a, reorganizando-a, ou seja, um sujeito ativo na transformação do conhecimento. Mais tarde (2015), considerando que o conhecimento é dinâmico e que a própria sociedade está em constante transformação, o autor apresentou um conceito mais completo:

Mediação da informação é toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais. (Almeida Júnior, p.25, 2015).

Nesta definição, o autor considera que além das premissas de interferência e apropriação da informação, fatores como ambiência de equipamentos informacionais, satisfação parcial e momentânea, e conflitos que surgem a partir da apropriação da informação são também aspectos relevantes no ato de mediação da informação. A mediação pode ocorrer de maneira implícita ou explícita. Os processos de seleção e desenvolvimento de coleções, de armazenamento e processamento dos recursos informacionais seriam uma forma de mediação implícita da informação, ou seja, em que não há interação direta entre o bibliotecário e o usuário. Disponibilizar uma obra no acervo da biblioteca é uma forma de mediação implícita da informação. A mediação explícita por sua vez se daria em espaços onde a presença e interferência dos usuários é proferida, é o caso da contação de histórias, por exemplo. A mediação

explícita se dá na interação entre o mediador e o usuário da informação. Assim, a ideia de neutralidade no ato da mediação da informação torna-se inapropriada, uma vez que encontra-se em um contexto sociocultural e sofrerá interações diretas de diferentes pessoas durante a realização. A mediação feita de forma consciente ou inconsciente, no momento em que se concretiza não é um recorte de tempo estático e dissociado do contexto social, político, econômico e cultural em que se encontram. A mediação exercida de forma consciente pressupõe a compreensão da realidade e o contexto em que se encontra o indivíduo. Acerca do objeto de estudo da Ciência da Informação, o autor propõe uma alteração de informação registrada para mediação da informação, já que a informação registrada não abarca as atividades culturais desenvolvidas em bibliotecas, como por exemplo a contação de histórias. Por suas características de efemeridade e interação, como já afirmara Le Coadic (1996, p. 5) que “a informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual”. A inclusão do termo “oral” atesta que o termo “informação registrada” não atende aos pressupostos do fazer bibliotecário.

Almeida Jr. (2017) defende que “os ambientes de informação, os equipamentos informacionais, devem ser espaços, físicos e virtuais, de resistência”. Resistência é a palavra que deve sustentar as ações dos mediadores da informação frente aos interesses da elite, dos opressores, dos excludentes. Para o autor, a ação cultural possibilita formas de produção – e não só de consumo – cultural. Nos projetos de ação cultural o sujeito deixa de ser mero expectador e assistente para apresentar interferências nas atividades e tornar-se protagonista de suas relações e entendimento do mundo, construindo assim seu conhecimento, para que desta forma faça escolhas, seja protagonista de sua história, de seu tempo e interfira na sociedade. Segundo o autor, o baixo número de produção de textos sobre ação cultural pela Ciência da Informação coincide com as poucas ações voltadas para a cultura e o social, que foram negligenciadas e esquecidas. Temas como a contação de histórias, atividades culturais e oralidade dão lugar à informação registrada, tornando este o objeto da área da Biblioteconomia. Na sociedade atual, pautada pelo individualismo, os sujeitos passaram de consumidores ao próprio produto à venda. Necessidades, interesses e desejos são determinados pelas próprias indústrias que produzem os objetos de consumo. A chamada sociedade da informação ou sociedade do conhecimento encontra-se a serviço de um sistema capitalista, onde o consumo se confunde com a felicidade. Neste contexto, a biblioteca pode ser um instrumento de

ação cultural, onde o bibliotecário deve atuar junto com a comunidade, fazendo-se presente e dela participando.

Jesus e Gomes (2021, p. 4) afirmam que “a leitura pode provocar uma mudança perceptiva do leitor que o leva a uma transformação a partir da interação leitor-texto, constituindo-o como sujeito social”. Ao atuar de forma consciente nas ações de mediação, “o mediador da leitura pode interferir usando mecanismos que favoreçam o posicionamento crítico e social desse sujeito”. A mediação da leitura desenvolve competências tanto leitoras como informacionais, viabilizando o acesso e a apropriação da informação.

Para Gomes (2014) a ação mediadora está ligada ao movimento e à vida, assim está ligada ao ato de cuidar. O acolhimento, o sentimento de pertença ao ambiente informacional são intrínsecos ao processo de mediação. Assim faz-se necessário incluir na agenda de pesquisa da Ciência da Informação estudos sobre a mediação da informação e sua relação com aspectos psicológicos, estéticos e éticos da mediação da informação. A biblioteca é um organismo vivo, um espaço colaborativo para estimular o desenvolvimento do protagonismo cultural e social. Há três paradigmas norteadores na trajetória histórica da biblioteca, o paradigma da conservação cultural, o paradigma da difusão cultural e o paradigma da apropriação cultural. Em seus primórdios, a biblioteca tinha como papel principal a organização e representação da informação para a preservação da memória. Com o Renascimento, surge a biblioteca pública, ocasião em que a prioridade passa a ser a garantia de acesso à informação ao público em geral. Mais tarde, o foco no usuário priorizou as funções sociais da biblioteca com iniciativas mais inclusivas. No paradigma da apropriação cultural, a biblioteca torna-se um ambiente social, cuja missão central é promover a apropriação da informação pelos usuários, sob uma ordem informacional dialógica. Assim, a autora considera urgente a criação de atividades mediadoras do acesso e uso da informação. A mediação da informação é uma ação ligada à vida, ao movimento e à construção de sentidos. Os mediadores que atuam na biblioteca é que lhe conferem vida e podem desenvolver atividades que estimulem o exercício da expressão e criatividade dos sujeitos, levando à formação e o fortalecimento de uma identidade social, para isso a comunicação deve transcorrer de forma a ser sensível e acolhedora. Perrotti (2010, *apud* Gomes, 2014) julga imprescindíveis as seguintes características para proporcionar apropriação cultural aos usuários de uma biblioteca:

a) postura de acolhimento – espaço educativo e cultural que acolhe e

- reconhece as diferenças e singularidades da comunidade;
- b) atitude de projeção – projeta a comunidade rumo ao conhecimento;
 - c) fomentar a cooperação – local de fomento a parcerias, trocas e ações cooperativas;
 - d) proporcionar e desenvolver sinergia – espaço de articulação de saberes;
 - e) assumir comportamento pró-ativo quanto ao desenvolvimento e implantação de políticas públicas – atuar pelo desenvolvimento de políticas voltadas ao protagonismo social e cultural;
 - f) favorecer a formação, conservação e o acesso à memória coletiva – constituir e disponibilizar acervos diversificados;
 - g) cultivar e estimular a dialogia – assumindo a função de local de interlocuções e trocas simbólicas;
 - h) saber redesenhar-se – redefinindo permanentemente suas práticas culturais e a atuação de seus profissionais (constituição do mediador da informação);
 - i) constituir-se enquanto uma estação cultural – promovendo a produção e ressignificação dos saberes;
 - j) atuar no foco da infoeducação – orientando e também educando para o mundo informacional.

Para Gomes (2000), a mediação da informação é um processo de significação e tem importante papel na construção do conhecimento. É por meio da mediação que os sujeitos envolvidos no ensino-aprendizagem estabelecem um processo de interação formando modelos mentais que geram novos conhecimentos. Os sujeitos interagem entre si, inseridos nos ambientes da cultura. Utilizando-se dos recursos tecnológicos, as pessoas ampliam seus conhecimentos e exploram novas possibilidades de apreensão e ressignificação do mundo.

Arendt, Habermas (*apud* Gomes, 2016) trazem uma abordagem sobre informação e comunicação, na qual afirmam que o simples acesso à informação não assegura a apropriação da informação e conseqüente ações transformadoras. A autora julga imprescindível a análise de questões fundantes que repercutem sobre a própria existência humana que, para os pensadores citados, trouxeram contribuições significativas para compreensão da ação, da criação, da comunicação na constituição de um mundo humanizado. Para Gomes (2016), é nas relações estabelecidas com os outros, nas ações comunicativas, que se torna possível a apropriação da informação, apropriação essa no sentido de ressignificações de nossas próprias vidas. São as

interlocuções que propiciam a apropriação da informação e a partir delas ocorre a manifestação do protagonismo social.

O acesso é insuficiente ao exercício da crítica e da dialogia que sustenta a inserção dos sujeitos na vida ativa quando, sob a perspectiva de Arendt, tornam-se capazes de gerar o que Habermas denomina de ação comunicativa, caminho potencialmente mais adequado à construção de um mundo mais justo e respeitoso à pluralidade e à essencialidade da existência humana. (Gomes, 2016, p. 78)

Perrotti (2017) apresenta o protagonismo cultural como ação de luta, um processo criador e humanizador alicerçado pelo viver junto. Fundamentando-se na tragédia grega *Antígona* (Sófocles, 442 AC *apud* Perrotti, 2017), o autor narra a estória de Antígona, cujo irmão teria morrido em batalha, mas como foi considerado um traidor da pátria, Creonte, o rei de Tebas, determinou que o corpo de Polinices seria deixado exposto às aves de rapina sem direito a sepultura. Aqueles que tentassem enterrá-lo também deveriam ser condenados à morte (Figura 2).

Figura 2: *Antígona perante a morte de Polinices*



Nikiforos Lytras (1865), Galeria Nacional de Atenas

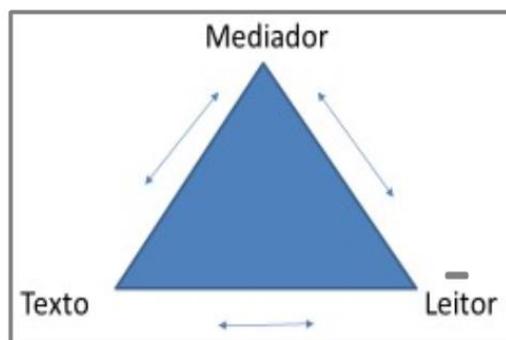
Antígona decidiu então desafiar Creonte e realizar os ritos fúnebres sagrados ao irmão. Ao ser descoberta foi levada à presença de Creonte a quem argumentou ter agido em conformidade com as leis dos deuses, que são superiores às leis terrenas e que definiam que todos os mortos têm direito à sepultura. Furioso, Creonte condena Antígona a ser sepultada viva em uma caverna subterrânea. Em decorrência dessas

ações tirânicas, uma sucessão de acontecimentos trágicos atingem a ele mesmo, Creonte e à pólis, como consequências pelos atos egoístas que colocaram seus interesses pessoais acima do que seria mais tarde chamado pelos iluministas de direitos naturais que fazem parte da condição humana (direito à vida, direito a dignidade, direito de ir e vir, direito à expressão, direito ao livre pensamento, direito de professar uma religião - qualquer que seja, direito a uma morte digna). Creonte teria colocado os próprios interesses acima dos interesses públicos, gerando um cenário de terror e tragédia. Antígona é uma obra que celebra a condição da esfera pública sobre a esfera privada. A personagem Antígona, por sua vez é representada como a protagonista, que mesmo sabendo que seria condenada à morte, não deixou de agir em conformidade com o que acreditava ser correto e também ser seu direito, ela sabia que apesar de todo o poder que detinha Creonte, a vontade dele não estava acima da ordem estabelecida pelos deuses. O protagonismo referenda-se no espaço público, implicando interesses que, ao serem de todos, não são de ninguém em especial. Antígona age em conformidade com o todo. Na Grécia, o protagonista luta pelas causas públicas, o herói grego é solidário. Para Perrotti (2017), duas direções marcam a história das bibliotecas. O autor denomina biblioteca *templum* instituições como a biblioteca de Alexandria (séc. III) que tinha por missão a conservação e o controle da memória social, sendo o acesso aos recursos informacionais restrito a iniciados. Por outro lado, denomina a biblioteca *emporium*, aquela que surge na modernidade com a invenção da imprensa de tipos móveis e que foi incentivada pelos iluministas. A biblioteca *emporium* teria por missão a difusão da memória, ou seja, teria por prioridade a circulação de objetos culturais para o público em geral e seriam as precursoras da biblioteca pública como a conhecemos hoje. Popularizadas a partir do ano de 1500, as bibliotecas perceberam um novo paradigma, cuja prioridade passaria a ser o acesso à informação e à cultura. Ambas, biblioteca *templum* e biblioteca *emporium* são expressões paradigmáticas de modos definidos de compreensão e atuação nas dinâmicas do conhecimento, cultura, memória e informação conforme o contexto em que se encontraram inseridas. Os “paradigmas inscrevem-se em ordens históricas, definem e são definidos por elas, em processos dinâmicos e concretos, vale dizer, em embates envolvendo relações de poder” (Perrotti, 2017, p. 20). O novo paradigma traz espaço para os leitores, que por sua vez passariam a ser também produtores de conhecimento e cultura, os protagonistas culturais. Percebe-se então um novo paradigma, o da apropriação cultural. Neste ponto, passamos do *templum* e

do *Emporium* ao *forum*. Não há mais usuário, cliente ou consumidor da informação. No fórum, os cidadãos que habitam, cuidam, negociam, lutam, definem e se definem na pólis, com a pólis e pela pólis. A interlocução dos sujeitos estabelece a negociação de signos. Neste ponto, não há apenas a difusão do conhecimento e todos os participantes alcançam a condição de protagonistas, criadores e produtores de informação, conhecimento e cultura. O protagonista cultural age em conexão e diálogo com o outro, age com alteridade e preza pelas premissas do viver junto. Ao mediador de ação cultural cabe favorecer interações, relações e trocas criando espaços para leitores, que serão ao mesmo tempo criadores, produtores de informação, conhecimento e cultura, buscando emancipação num processo humanizador.

Perrotti e Pieruccini (2014) entendem a mediação cultural como um objeto autônomo, um ato afirmativo de significação. Assim, os autores apresentam um terceiro paradigma para a mediação, os quais seriam: o paradigma da “conservação”, o paradigma da “difusão” e doravante o paradigma da “apropriação cultural”. Segundo tais perspectivas, saímos de um modelo de informação e de comunicação definidos de modo diádico, um modelo técnico de transmissão voluntária de ideias, para um modelo tríadico, onde se observam três esferas no processo de mediação: os protagonistas, o texto e o mediador/mediações. (Figura 3)

Figura 3: Modelo tríadico de mediação



Fonte: Perrotti e Pieruccini (2014, p. 14)

Pieruccini (2016) propõe uma nova disciplina para trazer elementos que aumentem a percepção e a compreensão sobre o significado cultural da biblioteca e do bibliotecário. Propõe também novos recursos que embasem a formação de um novo profissional da informação, que seja capaz de perceber a relevância das relações entre conhecimento empírico e conhecimento científico nos processos de apropriação dos saberes informacionais. Ainda Pieruccini (2017) numa pesquisa

realizada na Estação Memória (EM) dispositivo de mediação cultural dialógico realizado nos anos 1990 pela Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP) e que constava de encontros intergeracionais para a promoção de diálogos entre jovens e idosos, tratou da problemática do “silenciamento” das “vozes sociais”, comprometedor da participação democrática, crítica e criativa dos sujeitos na cultura. Nas atividades as pessoas contribuíam com narrativas a respeito dos acontecimentos passados em sua região. Segundo a autora, o que contar e como contar é uma questão a ser cuidada pela mediação cultural de modo que o diálogo busque a esfera social: a experiência. Os encontros intergeracionais colocaram os participantes (idosos, mediadores, jovens) em permanente aprendizagem acerca de como transformar os fatos ocorridos, o que ultrapassa a dimensão meramente informativa das histórias. O acolhimento ao outro é essencial para estabelecer confiança entre os interlocutores e assim surge a construção de elos e vínculos. Ao mediador cabe a criação de ambientes favoráveis para as interações. A mediação implica em aspectos de dimensão ético-filosófica em que prevaleça o interesse coletivo, em dimensão política, buscando o equilíbrio entre as vozes, em dimensão educacional, relativa à contextualização da experiência. O protagonismo cultural dos participantes é alcançado por meio de dispositivos dialógicos de mediação concebidos para promover a apropriação cultural. Conferindo sentido aos signos, um espaço criativo e criador se manifesta, assim protagonistas culturais criam e se recriam, são ao mesmo tempo sujeito e objeto dos processos em que estão inseridos e tudo isso proporciona a reapropriação do espaço público.

Gomes (2020) apresenta a mediação da informação como um fundamento central da Ciência da Informação, seja ela implícita ou explícita. A mediação da informação é também um atributo para o desenvolvimento do protagonismo social. Para que haja a efetividade da ação mediadora é necessário desempenhar uma mediação consciente. A mediação da informação não tem caráter meramente funcionalista, tem aspecto alteritário e dialógico, trata-se de uma ação que se realiza não para o outro ou sobre o outro, mas com o outro. Ao agir de forma consciente, o mediador da informação, atuando como um mediador orgânico, pode concorrer para que os sujeitos alcancem a apropriação da informação. Para que alcance sua efetividade, a mediação da informação necessita de dispositivos como ambiência e acolhimento, desta forma o sujeito sente-se seguro e confiante para expressar-se, uma vez que a informação é construída no compartilhamento do conhecimento que

se estabelece nas interações sociais, é no compartilhamento que o conhecimento assume a condição de informação. Nesta etapa, do compartilhamento e geração da informação, o conhecimento transita do singular para o coletivo, fazendo surgir novos protagonistas sociais. A mediação da informação tem como elementos constitutivos as dimensões de alcance da ação mediadora e são as seguintes:

- a) Dimensão Dialógica: ao atuar em uma mediação da informação de forma consciente, o mediador intensifica a ação ao observar e compreender as singularidades dos sujeitos envolvidos na ação de interferência, assegurando a todos o espaço de voz, com conforto e segurança, proporcionando uma participação ativa onde a ação comunicativa se dê de forma multilateral, e em que todos influenciem e sejam por ela influenciados;
- b) Dimensão Estética: aqui o mediador preconiza uma ambiência acolhedora, onde o sujeito percebe um cenário de afetividade, criatividade e experimenta conforto emocional, uma sensação de pertencimento, sentindo-se à vontade para se expressar. Assim, o sujeito ressignifica o que pensava antes da ação mediadora, redimensiona seus saberes, conhecimentos e percepções, experimenta uma sensação de prazer e satisfação;
- c) Dimensão Formativa: neste ponto da mediação ocorre uma intensificação do processo de problematização. O sujeito já tem um conhecimento prévio e experimenta o prazer da reflexão, da crítica e da ressignificação, alcançando novos saberes;
- d) Dimensão Ética: esta dimensão preconiza os interesses do coletivo, os valores e princípios inclusivos e de justiça social, assim o mediador tem por intenção ações para favorecer o desenvolvimento e o fortalecimento do protagonismo social;
- e) Dimensão Política: a atuação consciente do mediador, realizada de forma que tenha alcançado todas as dimensões acima citadas, poderá implicar na manifestação da dimensão política, ou seja, neste ponto o sujeito participante da ação mediadora percebe uma transformação dos próprios saberes e dos saberes do outro e da importância do fazer coletivo, tornando-se também um protagonista social capaz de atuar ativamente em outros espaços, dado que novos saberes tenham sido concebidos.

A atuação consciente do mediador levará ao alcance das cinco dimensões da mediação da informação o que poderá despertar o sujeito para o exercício do seu protagonismo social. Consequentemente sujeitos poderão atuar para transformar uma comunidade ou mesmo a sociedade, o que constituirá uma realidade mais humanizada, revelando o contributo social da Ciência da Informação.

Para Almeida Jr., Santos e Sousa (2021), é pela prática de mediação da informação consciente que as relações entre os sujeitos, os mediadores e os ambientes informacionais proporcionam uma experiência de apropriação da informação mais humanizadora e em consonância com o contexto sociocultural em que se passam. Quando a mediação da informação é realizada de forma consciente podem-se atingir as dimensões mencionadas por Gomes (2020), o que pode concorrer para o surgimento de novos protagonistas sociais. Neste contexto, o mediador é capaz de reconhecer os valores pragmático, afetivo e simbólico atribuídos às ações de mediação, tornando-a significativa e capaz de transformar a realidade de usuários, bem como dos próprios mediadores. O processo de mediação consciente busca por uma mediação feita de maneira sistemática e crítica em que os mediadores entendam o cenário, os anseios e as necessidades dos sujeitos. Os sujeitos buscam nos dispositivos informacionais respostas para esses anseios e necessidades, o ato de responder a essas necessidades informacionais revela o valor pragmático da mediação da informação. Os anseios e necessidades dos usuários não são puros, pois sofrem influência do meio em que estão inseridos, assim necessidades podem ser “impostas”, o sujeito pode considerar necessário algo de que não precisa realmente. O valor afetivo provém do fortalecimento dos laços entre o mediador, o usuário e a ambiência gerados nas mediações estabelecidas de forma consciente. Arquivos, bibliotecas e museus guardam traços identitários dos indivíduos, bem como de grupos que evocam uma percepção sensorial e mnemônica de dimensão coletiva, assim identifica-se o valor simbólico da mediação da informação. O processo de mediação da informação deve ser entendido como uma interferência que requer uma percepção sensorial e um agir humanizador.

Conforme Gonçalves, Gracioso e Silva (2018), o bibliotecário como mediador da informação deve estar em contínua aprendizagem, colaborando em diversos segmentos da sociedade e atuando de forma interdisciplinar com educadores, psicólogos, sociólogos, terapeutas ocupacionais, para colaborar com a emancipação

do usuário no contexto social. Em um trabalho, com foco na população em situação de rua, as autoras defendem que o bibliotecário deve ter o entendimento das questões e tendências globais e valorizar os direitos humanos, a diversidade, a justiça, a democracia, além de trabalhar em equipe, ser criativo, participativo e conhecer o contexto dos seus usuários. Pode-se concluir que, da mesma forma, o segmento da população de pessoas idosas requer a atuação do bibliotecário que, pode desempenhar seu papel social acolhendo e entendendo o contexto em que vivem os idosos e promover atividades que promovam a emancipação, socialização e bem-estar desta população. Outro aspecto, abordado em estudos atuais com vistas à inclusão de idosos, são as atividades intergeracionais, a realização de ações interativas entre pessoas de diferentes faixas etárias com o objetivo de proporcionar aprendizagem de uma geração com as outras, respeito e valorização de todos e dirimir preconceitos.

Paiva (2015), a partir de pesquisa com oficinas realizadas na comunidade de Paraisópolis em São Paulo, afirma serem importantes as trocas de experiências intergeracionais para construir ações em conjunto em torno de um objeto comum, a partir de saberes e fazeres intergeracionais, aliados aos saberes e fazeres científicos, que podem trazer informação e significação para todos na “era da informação”.

O encontro de saberes e fazeres intergeracionais, somados à articulação de saberes e fazeres científicos, profissionais e da experiência pode constituir-se em caminho para a instauração de novas e promissoras relações entre informação e significação, preservando e valorizando processos de apropriação e criação de conhecimento e cultura na "era da informação" (Paiva, 2015, p. 180).

Jary (*apud* Paiva, 2015) apresenta o conceito de geração como um conjunto de pessoas nascidas no mesmo período, o intervalo entre o nascimento deste grupo e o nascimento de seus filhos, compreendendo, em termos demográficos, aproximadamente 30 anos. O grupo etário representa um papel importante na sociedade e assegura a sensação de pertença em determinados grupos. Eisenstadt (*apud* Paiva, 2015) ressalta que as faixas etárias representam aspectos mais básicos e essenciais da vida humana e trazem a sensação de pertencimento a uma época, a um meio sociocultural definido, com seus conflitos e contradições. Em cada fase etária o ser humano adquire e usa diferentes capacidades biológicas e intelectuais, trata-se de uma progressão que se desenrola ao longo da vida. Os elementos culturais também influenciam o modo de compreensão e desempenho dos papéis sociais. A plasticidade da natureza humana significa a capacidade inerente de aprender e

adquirir padrões de comportamento e seria a base para a continuidade social e transmissão da herança social. Segundo Vigotsky (*apud* Paiva, 2015) “nos tornamos nós através dos outros”, nosso processo de desenvolvimento cultural provém de interferência psicológica externa ou social. O valor da relação entre pessoas é elemento-chave para o desenvolvimento cultural e psicológico. Assim Paiva (2015) apresenta as trocas intergeracionais como diálogo essencial entre graus etários distintos, entre experiências socioculturais não necessariamente idênticas. A autora reitera importância dos dispositivos dialógicos intergeracionais nos processos de construção de conhecimento e cultura na contemporaneidade.

Paiva (2016, p. 75) afirma que “identifica-se um movimento de dimensões internacionais de resgate do idoso e sua experiência como forma de reinserção de tal segmento na vida sociocultural”. Neste trabalho, a autora apresenta iniciativas que tenham nas relações intergeracionais seu mote desencadeador, iniciativas estas que não são exclusivas da área de Biblioteconomia.

Para além da competência em informação, Gomes (2019), em seu estudo crítico da bibliografia da área da Ciência da Informação, a mediação da informação tem como ação central o protagonismo social. Para a autora, a informação tem uma natureza social, portanto há uma responsabilidade do profissional da informação na formação de sujeitos socialmente ativos. A autora ressalta ainda a que a mediação consciente da informação seria elemento fundante do processo democrático. O protagonismo social seria uma ação de resistência à opressão, discriminação, *apartheid* social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente. Na dimensão política da mediação da informação, o profissional tem a oportunidade de exercer um trabalho de caráter alteritário que vai gerar ressignificação de valores no público atendido.

O bibliotecário, como mediador da informação, ao exercer o seu protagonismo social, pode desenvolver atividades num ambiente estimulante e acolhedor, que possibilite acesso à informação, bem como a troca de experiências entre as pessoas, promovendo a ressignificação de experiências de vida, o que viabilizará processos de educação ao longo da vida e de socialização aos sujeitos. A atuação do mediador da informação e da leitura feita de forma consciente contribuirá para atender as necessidades informacionais dos sujeitos, fazendo-os alcançar a apropriação da informação e mais que isso, contribuirá para uma formação contínua e maior atuação nas atividades socioculturais.

3.1.1 Biblioterapia

Assis (2022) averigua que existe uma inter-relação entre a mediação da informação, a mediação de leitura e a biblioterapia. Essa inter-relação, embora implícita, se entrelaça por meio de características e objetivos que são fundamentais para a realização dessas atividades. Os chamados mediadores promovem ações para que o sujeito, além de ter acesso à informação, venha a experienciar emoções, trazer questionamentos e descobrir novas possibilidades. Quando tudo é realizado em um ambiente confortável, confiável e seguro, pode proporcionar a transformação do sujeito. Esta ação humanizadora que proporciona o reconhecimento de si e do outro sendo realizada de forma consciente e sistematizada, com afeto e cuidado pode ser associada à biblioterapia. A biblioterapia está relacionada com a dimensão estética da mediação da informação, uma vez que o encontro com o dispositivo informacional traz efeitos evidenciados pela emoção, que podem apoiar o sujeito em sua reintegração individual e social.

A *American Library Association* (ALA, 2023) publicou o *The Librarian's Guide to Bibliotherapy*. Um guia para auxiliar bibliotecários na prática de biblioterapia. Segundo a descrição do guia, a biblioterapia pode ser definida como a utilização da leitura orientada para fins terapêuticos. E embora o bibliotecário não seja um profissional de saúde mental licenciado, ele a pratica, mesmo sem saber. Baseando-se no *Reading for Recovery*, um projeto financiado pela própria *Carnegie-Whitney*, este guia:

- a) traz práticas, programas e eventos baseados em biblioterapia que ajudarão os bibliotecários a apoiar a saúde mental e o crescimento pessoal de seus usuários;
- b) Independentemente de experiência anterior ou das competências existentes, este guia traz uma “ajuda de prateleira” para auxiliar o relacionamento da biblioteca com a comunidade onde está inserida;
- c) traz uma visão geral da biblioterapia, incluindo seus conceitos e história, e esboça como diversas abordagens podem ser adaptadas para ambientes de biblioteca;
- d) explora o potencial da biblioterapia como um complemento às habilidades, serviços, práticas e coleções existentes na biblioteca;
- e) demonstra como as iniciativas inspiradas na biblioterapia podem atender às necessidades de diversas comunidades, promovendo assim o compromisso

das bibliotecas com a Comissão de Igualdade, Diversidade, Inclusão e Justiça Social (EDISJ);

- f) oferece técnicas de seleção de material de leitura para seu público tendo em mente a biblioterapia;
- g) oferece uma variedade de programas possíveis, desde discussões em grupo e eventos públicos até exposições de livros e listas de leitura, juntamente com uma abordagem passo a passo para planejá-los e implementá-los;
- h) compartilha dicas de divulgação, ferramentas e ideias de marca para aproveitar ao máximo seus recursos e alcançar seu público de maneira eficaz;
- i) demonstra como usar ferramentas de avaliação para testar e ajustar seu programa em todas as fases para alcançar os resultados desejados;
- j) inspira o bibliotecário a levar novas ofertas para novas direções, como escrita criativa e programas de artes visuais, que se ajustem à sua biblioteca e comunidade.

Segundo Candido (1989), a literatura é considerada um objeto social com potencial humanizador, ela gera conhecimento e autoconhecimento, podendo inclusive intervir em processos terapêuticos. A literatura pode mobilizar diferentes faculdades do leitor, fazendo-lhe perguntas, provocando inquietações, emoções afetos, reflexões.

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: 1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (Candido, 1989, p. 117)

A biblioterapia é um aspecto da mediação de leitura e significa uma terapia por meio da literatura. A palavra biblioterapia se origina no grego e *biblion* que significa livro de *therapeia*, que significa zelar, tratar, curar; de *therapeuein*, que significa tomar conta de, curar, fazer tratamento médico; e ainda *therapon*, que significa servente, aquele que assiste alguém. O termo biblioterapia surgiu em meados do século XX, mas trata-se de uma prática milenar. Nas civilizações grega, egípcia e romana já se praticava a leitura para curar as dores da alma. Atualmente a prática tem se disseminado em escolas, hospitais, universidades, penitenciárias, asilos, centros comunitários, com o objetivo de promover bem estar psíquico e emocional.

Para Ouaknin (1994) “ler é curar”. A biblioterapia hermenêutica é a arte de interpretar, é a relação dialética que se estabelece entre o ser humano e o texto. Qualquer leitura implica em um fenômeno de interpretação então, o próprio ato de interpretar é em si mesmo uma terapia, ler é antes de tudo um acontecimento solitário, um encontro privado com outro mundo, um a um com o livro, um a um consigo mesmo. A leitura também pode ser um evento público: homens, mulheres e crianças se reúnem para ouvir um contador de histórias, um narrador ou acompanhar uma leitura juntos, cada um com seu livro, trocando impressões numa atividade de leitura seguida de comentários e implica em que um dito está imediatamente acompanhado de um não dito, não há decisões, não há formulação definitiva. Além da compreensão das palavras e do texto, há uma manifestação dos sentidos, da significação do conteúdo para o leitor. Freud (1918, *apud* Ouaknin, 1994) afirma que as palavras são de fato os instrumentos de influência mais importantes que uma pessoa procura exercer sobre outra; as palavras são boas maneiras de provocar mudanças psicológicas na pessoa a quem são dirigidas. No ato da leitura, a catarse é uma “alquimia subjetiva” que consiste em transformar a dor inerente a emoções como pena ou medo em prazer, o prazer do texto. Além do “prazer do texto”, a leitura oferece ao leitor, por meio da identificação e “cooperação textual”, através da apropriação e projeção, a possibilidade de descobrir uma alternativa à realidade, uma segurança espiritual, sentimento de pertencimento, abertura a outras culturas, sentimentos de amor, superação de dificuldades, glorificação, projeção no futuro, projeção no passado, sublimação, exploração, identificação, educação, ou seja, a entrada no domínio da vida, neste ponto as palavras não são mais finalizadas pelo significado, mas pelos sentidos a que remetem. A biblioterapia não é uma novidade, desde os tempos remotos o homem se beneficia da virtude terapêutica do livro. Desde Alexandria, os médicos tratavam o corpo e a alma através do corpo, os terapeutas por sua vez, tratavam a alma e o corpo através da alma, fazendo uso do discurso para isso. No ato da leitura, a dialética entre um Eu estável e um Eu em formação, entre um “eu sou” e um “eu me torno”, pode-se cancelar temporariamente o “fechado, pesado e definitivo” para redescobrir a energia criativa de um “saber ser”. Em voltando a ser “nada”, o ser humano se dá a possibilidade de recomeçar nova criatura em um mundo recém-recriado. A biblioterapia, vinculada a uma prática hermenêutica, oferece ao sujeito um caminho para a liberdade, o renascimento incessante. A cura é ao mesmo tempo uma regeneração do sujeito e um resgate de sua subjetividade. Biblioterapia

vem de uma necessidade primordial de encontrar-se consigo mesmo, do autoconhecimento e isso será feito através de reaprender a ler. Aprenda a ler para derrotar o consenso, o lugar comum. Aprendamos a ler para não tomar como verdadeiras as ideias que não fazem sentido para nós. Para a biblioterapia, o ser humano é uma criação contínua, em movimento incessante de devir e a leitura criativa abre a novos pensamentos e novas ações, inventa novos mundos, cuja novidade é também a renovação do sujeito leitor-criador. Ler biblioterapeuticamente é encontrar em um texto, num momento de desgosto, um sentimento de alegria de viver, de existir.

A premissa da biblioterapia é que informação, orientação e consolo podem ser encontrados através da leitura. McNicol e Brewster (2018) apresentam debates contemporâneos entre teóricos da biblioterapia em um livro direcionado a pesquisadores e gerenciadores de programas literários. A obra apresenta teoria e prática, apresentando modelos de biblioterapia, formas de condução de discussões para determinados ambientes e públicos. Segundo as autoras, o Reino Unido oferece programas de biblioterapia em bibliotecas públicas, serviços de saúde e ambientes comunitários desde o início da década de 2000.

Brewster (2018) apresenta um histórico da biblioterapia, sua evolução ao longo do tempo e sua aplicação no Reino Unido. A autora indica que o termo biblioterapia foi cunhado em 1916 por Samuel McCord Crothers e continua a ser um método popular e relevante para atender às necessidades de saúde mental e bem-estar das pessoas. Crothers (*apud* Brewster, 2018) apontou a biblioterapia como um veículo mais aceitável para tratamento em lugar de pílulas e pomadas. Ao longo do tempo, a biblioterapia evoluiu das unidades psiquiátricas e ambientes hospitalares para a biblioteca pública e os cenários comunitários. A qualidade da evidência necessária para estabelecer a eficácia da biblioterapia também mudou. No início do século XX a biblioterapia foi empregada em instituições de saúde mental. Com a reforma dos asilos para doentes mentais, que permaneciam encarcerados, adotou-se a biblioterapia para amenizar os procedimentos de contenção física e tratamento cruel exercidos à época. No período da Primeira Guerra Mundial, bibliotecários atendiam em hospitais. Muitos militares, além de ferimentos físicos, tinham sintomas de “neurose de guerra”, doenças mentais, estresse, angústia à semelhança do choque de bomba ou pânico ao ouvir tiros, ruídos altos, gritos e coisas semelhantes, por vezes, isso afetava a capacidade deles de andar e falar. Por meio dos livros, os pacientes eram orientados a novas habilidades e interesses. A biblioterapia era aplicada como forma de distração

e de reinserção dos ex-combatentes na sociedade. Em 1930, a psicóloga e estudiosa de Biblioteconomia Alice Bryan formulou a pergunta: pode haver uma ciência na biblioterapia? Ela conectou a leitura com ideias de identificação, motivação, valores e experiências pessoais, que podem levar à autocompreensão. Em 1949, Caroline Shrodes identificou cinco reações psicológicas à leitura de literatura: identificação, transferência, catarse, *insight* e a relação de si mesmo com o outro. O interesse pela biblioterapia atingiu seu pico nas décadas de 1960 e 1970. Alston (1962, *apud* Brewster, 2018), afirmou que uma mera série de doze conversas em grupo sobre pesca, ferrovias, algodão, jardins de pedras ou culinária, conduzidas em uma atmosfera de amizade e aprovação, podem dar aos pacientes mentais um forte impulso para recuperação. Rhea J. Rubin (1960, *apud* Brewster, 2018), definiu três diferentes tipos de biblioterapia: a biblioterapia institucional, praticada em instituições de saúde mental, a biblioterapia clínica, praticada em hospitais, institutos e comunidades e a biblioterapia de desenvolvimento, praticada com pessoas que não tiveram nenhum diagnóstico de problemas de saúde mental. O atualmente (2018) conhecido como *Well into Words* é um programa de bibliotecas públicas do Reino Unido que coordena grupos de leitura compartilhada, grupos de escrita criativa, biblioterapia individual e bibliotextos (poesias e citações), para promover bem-estar e relaxamento. “A visão é parcialmente educacional e parcialmente sobre melhorar o bem-estar, dando às pessoas as habilidades e a confiança para ler discutir e relacionar a literatura com suas vidas” (Brewster, 2018, p. 16 tradução nossa). A biblioterapia tem papel na provisão de educação, e informação, terapia, autodesenvolvimento, leitura por prazer e catarse. A evolução da biblioterapia está tornando cada vez mais comum o uso de ficção e poesia como algo com o poder de moldar mentes e curar corações.

McNicol (2018), citando diversos autores, apresenta as abordagens e teorias mais comuns em biblioterapia aplicadas em bibliotecas e outros ambientes não clínicos. Segundo a autora, a biblioterapia proporciona uma vivência e não apenas um conhecimento sobre algo. A partir do século XX, a biblioterapia passou a ter objetivos mais ambiciosos como: melhorar a qualidade social, o bem-estar emocional, o aumento da confiança e a autoestima. As teorias apontam duas posturas de leitura, que são as maneiras com que os leitores interagem com o texto. A postura eferente significa uma postura mais factual, uma leitura mais literal, já a postura estética representa um foco mais emocional. Um leitor eferente concentra-se no conhecimento

que espera obter do evento de leitura, já o leitor estético saboreia as qualidades dos sentimentos, ideias situações, cenas, personagens e emoções evocadas no texto. É comum que uma poesia seja lida a partir de uma postura estética e um manual sob uma postura eferente, mas o leitor pode optar por qualquer destas posturas perante à leitura de um romance, por exemplo. Pode-se esperar que o leitor tenha uma postura diferente se estiver lendo uma obra para efetivar um curso de literatura ou se estiver inserido num grupo de biblioterapia. As histórias têm o poder de fazer com que o leitor se sinta transportado para o mundo da narrativa, podem também levar o leitor a emular as ações dos personagens admirados, levando-o a mudanças de comportamento. Billington (2015, *apud* McNicol, 2018) apresentou como resultado de uma enquete online que pessoas que leem regularmente por prazer relatam menos sentimentos de estresse e depressão do que os não-leitores e têm sentimentos mais fortes de relaxamento do que em atividades tecnológicas e televisão. Os leitores também têm níveis mais elevados de autoestima, melhor padrão de sono e maior capacidade de lidar com situações difíceis. Ainda McNicol (2018) ressalta que a biblioterapia apresenta três etapas: identificação e projeção, ab-reação e catarse, *Insight*. A identificação é uma resposta empática do leitor ao se associar a um personagem ou situação em uma obra literária. A catarse é percebida quando o leitor compartilha suas emoções, quando libera energia emocional e se expressa intensamente a partir do personagem fictício. O *insight* seria uma visão/integração que o leitor aprecia ao chegar à compreensão de seus próprios comportamentos e atitudes. O *insight* pode reforçar crenças e comportamentos existentes ou criar uma nova alternativa de solução para problemas pessoais. Os autores da biblioterapia enfatizam a importância da discussão. A interação dos indivíduos produz efeitos como ressonância, segurança, empatia, companheirismo, bom-humor, ampliação da consciência. A biblioterapia traz mais resultados positivos quando feita de forma voluntária pelo leitor, ou seja, aquele que buscou o serviço de biblioterapia por conta própria e não por indicação de um profissional de saúde. A biblioterapia por meio de leitura compartilhada apresenta cinco elementos: a vivacidade (textos são lidos em voz alta, não lido com antecedência, pressupõe imprevisibilidade); inarticulação criativa (os textos não trazem fórmulas prontas); ler é de importância emocional (leitura com sentido afetivo, não instrumental); resgate de histórias pessoais (embora os textos sejam fictícios); o grupo em si (semelhanças ou diferenças de reações dos participantes a partir do texto). A escrita criativa ou expressiva também pode ser uma

forma de biblioterapia, pois escrever ajuda a revelar pensamentos ou sentimentos, a reorganizar emoções sobre experiências traumáticas. Estudos apontam que a biblioterapia pode levar a uma maior autocompreensão, pode também diminuir o tempo de internações hospitalares, diminuir o número de consultas médicas, aumentar a imunidade e reduzir a ansiedade e depressão.

Não precisamos simplesmente saber se a biblioterapia funciona, também precisamos avaliar como e por que um determinado modelo funciona para garantir que atendamos às necessidades de diferentes indivíduos e comunidades que possam se beneficiar destas intervenções (McNicol, 2018, p.36, tradução nossa)

Tukhareli (2018) defende o uso da biblioterapia para que as pessoas possam se conectar, combater a solidão e promover a resiliência. A autora coordenou projetos como o *Nkosi's Haven* em Joanesburgo, na África do Sul, uma instituição para pessoas infectadas pelo vírus HIV, que oferece cuidados e apoio holístico para mães desamparadas e seus filhos órfãos com o objetivo de amenizar o isolamento e a solidão dos abrigados. Para as atividades foram utilizados materiais de ficção e não ficção, uma vez que as pessoas podiam dar seus próprios depoimentos. A autora acredita que a biblioterapia pode trazer benefícios de ordem mental, bem-estar emocional, psicológico e social, pois auxilia as pessoas a lidarem com os desafios da vida como: adaptação a um novo país (para refugiados), mudança de carreira, crise familiar, luto. A biblioterapia pode restaurar conexões significativas consigo mesmo e com o mundo.

Para Caldin (2010) o ser humano não é completo, ele está em constante construção, assim a biblioterapia é um cuidado com o ser por meio das histórias, sejam elas lidas, narradas ou dramatizadas, ela é válida tanto para o sujeito efetivamente diagnosticado como doente, como para o ser que não percebe como o seu equilíbrio está comprometido, mas sente que lhe falta algo. A biblioterapia é uma prática capaz de beneficiar todas as pessoas, em qualquer faixa etária, ela opera no leitor ou no ouvinte um efeito de placidez, sendo sedativa e curativa. De caráter psicanalítico, os textos literários mudam, em sentido terapêutico, o estado psíquico deste leitor.

O quadro 1 é apresentado por Leite e Caldin (2017) por histórico da biblioterapia:

Quadro 1: Histórico da biblioterapia

Egito Antigo	Bibliotecas – “Remédios da Alma”
Grécia Antiga	
Aristóteles	Catarse
Século XVIII –França, Inglaterra e Itália	Primeiras bibliotecas em hospitais psiquiátricos
Século XX	Surgimento da Biblioteconomia
1916 –Samuel McChord Crothers	Surgimento do termo “Biblioterapia”
1985 –1993 –Reino Unido	Subgrupo sobre leitura terapêutica na Associação de Bibliotecas
1989 –1991 –Reino Unido	Pesquisas de Matthews e Lonsdale sobre leitura terapêutica com crianças em hospitais
2000 –Reino Unido	Mudanças nas políticas públicas de saúde mental; surgem vários programas de biblioterapia.

Fonte: Leite; Caldin (2017)

Segundo Caldin (2001) a biblioterapia por meio da leitura dirigida e discussão em grupo, favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. A autora destina o artigo aos estudantes de biblioteconomia e bibliotecários, que nutram o desejo de trabalhar com a função terapêutica da leitura, pois considera a biblioterapia como um dos serviços da biblioteca. A biblioterapia tem por objetivo a promoção do auto-conhecimento, o reconhecimento das próprias emoções e as dos outros, a verbalização e exteriorização de problemas pessoais, promoção da sensação de pertencimento. Pelo método biblioterapêutico “o texto desempenha o papel de terapeuta. Além da leitura, os comentários, os gestos, os sorrisos, os encontros são também terapêuticos à medida que fornecem a garantia de que não estamos sozinhos. O texto une o grupo.” (Caldin, 2001, p.37).

A biblioterapia contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional. Assim, as palavras se seguem umas às outras – texto escrito e oralidade, o dito e o desdito, a afirmação e a negação, o fazer e o desfazer, o ler e o falar – em uma imbricação que conduz à reflexão, ao encontro das múltiplas verdades, em que o curar se configura como o abrir-se a uma outra dimensão. (Caldin, 2001, p. 36).

Caldin (2011) sob a ótica da teoria da linguagem de Merleau-Ponty, afirma que pela intercorporeidade, intersubjetividade e pelo descentramento é possível associar experiências terapêuticas à leitura. O falar e o compreender são os momentos de um único sistema eu-outrem. O eu se coloca diante do outro e ambos somos corpos, por minha linguagem e por meu corpo sou acomodado ao outro, a linguagem é o mediador neste processo. Há um descentramento sentido pelo corpo a partir da fala do outro, quando ele se distancia de seu equilíbrio. A fala prolonga e transforma minha relação com o outro, promove novas significações. Neste ponto, o diálogo pode ser estabelecido, pela intercorporeidade aliada à linguagem. Notam-se três corpos atuando em conjunto: o corpo do autor, o corpo do texto e o corpo do leitor. O sentido profundo da intercorporeidade é o tempo vivido, um vínculo entre a minha história e a história do outro. Não posso resgatar a essência a não ser pelo outro, por meio da linguagem. O diálogo exercido com tato e sensibilidade é o agente terapêutico da intercorporeidade e da intersubjetividade, mostra o cuidado com o ser. A obra literária é uma fala que renova sem cessar a mediação entre mim e o outro. Pela leitura desvelamos o mundo, ela nos arrebatava, nos emociona, nos torna cúmplices por meio das palavras. Posso reunir minha história à do outro. Posso apresentar minha vulnerabilidade ao outro. A expressão literária afeta o escritor, como o leitor, mas é no corpo do leitor que as palavras adquirem sentido, revelando o caráter intersubjetivo do ato de ler. Ao “acoplamento” que se dá quando o leitor entra no campo de percepção do escritor, percebe-se a intersubjetividade e o próprio caráter transcendental da leitura. Na leitura há então, descentramento, intercorporeidade, intersubjetividade, transcendência. Uma história tem o poder de despertar e apaziguar emoções. Para atingir fins terapêuticos devem-se adotar textos de qualidade estética, em que predomine o literário, não o didático. A finalidade da leitura é o deleite, é causar prazer e não, fornecer juízo de valor ou ensinamentos. Implica em valer-se de histórias curtas, crônicas ou poesias para obter-se o fim almejado, a catarse. Para a autora, os bibliotecários podem ser “aplicadores da biblioterapia” termo que designa que a biblioterapia pode ser aplicada como um tratamento leitores ou ouvintes. Freud fez considerações a respeito citando desde a atuação poética dos gregos até o efeito de autores como Shakespeare e Dostoiévski. Jung por sua vez inspirou-se em Goethe, Spitteler, Nietzsche, Blake e Dante para teorias psicanalíticas do efeito literário.

Caldin (2023), durante o 1º Fórum de Biblioterapia no Brasil, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), declarou que atualmente estamos

nos preparando para inserir a biblioterapia como disciplina no meio acadêmico. Hoje, mais do que nunca, fazemo-nos perguntas, provocando inquietações, emoções, afetos, reflexões. Nesta ocasião, a autora relata o longo caminho que percorreu até conseguir implantar na grade curricular do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a disciplina optativa de Biblioterapia. A autora destaca que o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação se estende para a Biblioterapia, na qual diferentes áreas como Biblioteconomia, Psicologia, Filosofia e Literatura se conectam em prol de melhores resultados. A autora explica que a biblioterapia às vezes doi, provoca choro e citando o médico, homeopata e palestrante Eduardo Lambert, esclarece que não importa, porque o choro é a válvula de escape do coração e tem efeito terapêutico, faz bem à saúde. Por outro lado, também afirma que às vezes a leitura é leve e por vezes engraçada, o que nos faz rir, o que também é terapêutico, mais uma vez citando o Dr Lambert, explica que o riso relaxa o corpo e a mente, fortalece as defesas orgânicas, melhora a circulação e a pressão arterial e libera endorfina, que promove uma sensação de bem-estar, ou seja, rir é saudável. Assim ao aplicador da biblioterapia, cabe escolher textos alegres, sempre que possível.

Devemos ter cuidado no uso das palavras no ato da biblioterapia. Ao aplicador da biblioterapia é essencial possuir habilidades como:

- a) Gostar de literatura;
- b) Paciência: respeitar o tempo de cada um de “digerir” a história;
- c) Empatia: colocar-se no lugar do outro, não fazer julgamento de valor, ser simpático e acolhedor;
- d) Descentramento: o mediador deve participar ativamente do grupo, expondo suas ideias e sentimentos, tanto quanto os demais participantes.

A autora explica que a biblioterapia pode ser feita de maneira intuitiva, como a leitura feita para a criança antes de dormir. Na sua execução, quem souber cantar, cante, quem souber dançar, dance, porque todas as manifestações auxiliam a aplicação da biblioterapia. É uma necessidade do ser humano a sensação de pertencimento, que sentimos quando lemos e quando participamos de um grupo. A autora menciona que, a relação de confiança estabelecida entre o biblioterapeuta e as pessoas é tanta que, em um trabalho que durou um ano em uma escola, as crianças contaram a ela coisas que não contavam aos próprios pais.

Outro aspecto abordado por Caldin (2023) é sobre as ressalvas quanto ao uso do termo “terapia” que se nota na palavra biblioterapia. A autora esclarece que a terapia neste contexto refere-se à forma de terapia utilizada por filósofos no Século I, em Alexandria. Trata-se de uma prestação de serviço, um cuidado com o outro que um servo faz a uma pessoa, não de forma clínica, mas de uma forma holística de tratamento um acolhimento do outro com a biblioterapia. Terapia, neste sentido, é a arte de cuidar do ser, o ser humano como um todo, com a capacidade regenerante, no benefício do esquecimento e na participação do outro. Neste contexto, a autora denomina de biblioterapia de desenvolvimento, que seria diferente de biblioterapia clínica, aquela promovida por profissionais da área da saúde. Somos servos, estamos servindo as pessoas com a biblioterapia e fazemos isso por gosto, por vontade própria.

Na biblioterapia, o interagente é aquele que participa de atividades biblioterapêuticas dentro ou fora de uma biblioteca, seja em grupo ou individualmente, e que se coloca no processo de forma ativa, abrindo-se para o diálogo. É possível identificar alguns níveis de interação do indivíduo nos processos de leitura terapêutica. Ele interage tanto com o livro, ou o texto, quanto com aqueles que compartilham das atividades (Sousa; Caldin, 2016, p. 6).

Na visão de Nóbrega (2019), a Psicoterapia seria o encontro entre paciente e terapeuta, enquanto que na Biblioterapia seria um encontro entre ouvinte e leitor em que o texto literário é que desempenharia o papel de terapeuta. A autora afirma que, se compreendermos que cuidar se diferencia de medicar podemos ter a biblioteca como território de criação de comunidades afetivas, onde há diálogos entre as pessoas atuando ora como ouvintes, ora como leitores e aceitando diferentes opiniões das suas. A autora, que é coordenadora de grupos de biblioterapia do Instituto Interdisciplinar de Leitura/Cátedra UNESCO de Leitura (iiLER), defende que a biblioterapia pode ser considerada um instrumento para a transformação da biblioteca pública em um território de humanização para os sujeitos e a sociedade. Trata-se de um trabalho de cuidado que todo diálogo com o outro pressupõe e sendo assim, o bibliotecário pode assumir concretamente esta atividade. Para Nóbrega (2019, p. 3), “ao vivenciar as imagens literárias a partir da leitura em voz alta de um texto que foi selecionado para convidar ao diálogo, o ouvinte é incentivado a pensar em si, em suas experiências de vida e a dizer de si”.

Rubin (*apud* Ferreira, 2003), apresenta algumas diretrizes básicas a serem seguidas pelo bibliotecário na condução de atividades biblioterapêuticas, tais como:

- a) escolher um local adequado para a realização das reuniões do grupo;
- b) ter tido um treinamento adequado e estar capacitado para conduzir as discussões do grupo;
- c) formar grupos homogêneos para leitura e discussão de temas previamente escolhidos;
- d) preparar listas de material bibliográfico adequadas às necessidades de cada grupo, e escolher outros materiais (filmes, músicas), de acordo com a idade e necessidades em nível cultural e social dos participantes;
- e) usar de preferência materiais com os quais esteja familiarizado;
- f) selecionar materiais que contenham situações familiares aos participantes do grupo, mas que não precisam necessariamente conter situações idênticas às vividas pelas pessoas envolvidas no processo;
- g) selecionar materiais que traduzam de forma precisa os sentimentos e os pensamentos das pessoas envolvidas sobre os assuntos e temas abordados, com exceção de materiais que contenham uma conotação muito negativa do problema;
- h) selecionar materiais que estejam de acordo com a idade cronológica e emocional das pessoas, sua capacidade individual de leitura e suas preferências culturais e individuais;
- i) selecionar material impresso e não impresso na mesma medida.

Para Caldin (2023), os tipos de biblioterapia seriam a biblioterapia de desenvolvimento e a biblioterapia clínica. A biblioterapia de desenvolvimento corresponderia à área de Ciência da Informação, e seria executada prioritariamente por bibliotecários, com a função de aprimorar o desenvolvimento do ser humano, desde o autoconhecimento até o aperfeiçoamento de habilidades intelectuais e/ou sociais. Já a biblioterapia clínica seria exercida por profissionais especializados, psicólogos e psicoterapeutas, com o intuito de solucionar problemas biológicos, psicológicos e sociais.

Seixas (2018), defende que às vezes é possível utilizar a literatura para “desviar” da dor, mudar de assunto, impregnar de beleza as condições que nos cercam. Ela cita o trabalho de biblioterapia que fez com uma criança no ambiente hospitalar sob cuidados paliativos. Neste caso, a autora classifica como biblioterapia

de fruição, a intervenção em que se podem adotar livros leves e divertidos para proporcionar momentos lúdicos e amenizar uma condição imutável.

Nóbrega (2019), aponta ainda um outro aspecto sobre a biblioterapia. Para a autora, a biblioterapia atualmente dá indícios de mudanças deslocando-se de um eixo terapêutico curativo, para um eixo terapêutico preventivo. Certamente, novas pesquisas poderão evidenciar esses novos rumos da biblioterapia. Neste contexto, a autora apresenta como diretrizes para a aplicação assertiva da biblioterapia:

- a) Elaborar táticas de boa leitura em voz alta (dicção, inflexão das palavras, respiração do texto, pontuação gramatical);
- b) Selecionar um bom repertório (textos com boa qualidade literária);
- c) Selecionar materiais com os quais o bibliotecário se identifique;
- d) Apropriar-se do texto (elaborar a “partitura”, ou seja, dar entonações, marcas de intensidade de voz, pausas);
- e) Exercícios de alongamento (pescoço, ombros, nuca, maxilar, língua);
- f) Exercícios de respiração (inspirar, expirar profundamente);
- g) Musicoterapia, cantoterapia, arteterapia.

A aplicação da biblioterapia pode proporcionar a ressignificação de experiências vividas e conseqüentemente a cura. Cura, nesse sentido, de forma holística, que abrange o ser humano em toda a sua essência, tratando de sua saúde física, mental, social, espiritual. A biblioterapia, neste contexto, teria o efeito de uma terapia alternativa.

Aristóteles e Freud (*apud* Caldin, 2001) apresentam os componentes biblioterapêuticos, a saber:

- a) Catarse: conforme Aristóteles toda experiência poética é catártica e catarse pode ser entendida como a pacificação, serenidade e alívio das emoções que podem ser experimentados a partir do exercício da literatura dirigida, o ato de purgar as emoções;
- b) Humor: segundo Freud o humor se configura como um triunfo do narcisismo, posto que o ego se recusa a sofrer, transformando o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer. Qualquer história que provoque o riso, é indicada nas atividades biblioterapêuticas, pois o humor é benéfico para a saúde;

- c) Identificação: pela teoria freudiana, a identificação é um processo pelo qual o sujeito assimila um aspecto do outro, no caso os personagens do livro ou seu contexto, e se transforma. O leitor ou ouvinte imagina-se no lugar do personagem;
- d) Introjeção: processo pelo qual o leitor inocula, faz passar de fora para dentro aspectos desejáveis dos personagens da ficção, absorvendo-as como se fossem suas;
- e) Projeção: transferência de nossas ideias e sentimentos aos outros, é a manifestação daquilo que foi assimilado. É a interpretação do texto exteriorizada pelo sujeito;
- f) Introspecção: modo pelo qual a pessoa aplica em sua vida o que foi lido e entendido, provocada pela reflexão sobre a leitura, o que o sujeito assimilou e que pode trazer mudança comportamental, é a ressignificação das emoções.

Os resultados são poderosos, já que a identificação com os personagens e os sentimentos evocados durante a leitura (individual ou em grupo) são formas potentes de lidar com angústias e tratá-las.

Sturm (*apud* Nunes, 2019, p. 53) defende que “o humor nos permite resgatar momentos que poderiam ter sido perdidos para dor ou desespero. Ser capaz de rir, às vezes, é mais uma questão de lidar com um problema do que evitá-lo ou tratá-lo levemente.”

Em diferentes instituições, iniciativas de leitura compartilhada com ambientes acolhedores e rodas de debate vêm sendo implantadas. Dante Gallian (2017) criou o Laboratório de Leitura da Faculdade de Medicina da UNIFESP com o objetivo de proporcionar uma “dimensão mais humana” na formação de futuros médicos. Para o autor do livro *A literatura como remédio*, a literatura é um convite para o alargamento da alma, uma experiência com a narrativa já que a alma necessita se desenvolver tanto quanto o corpo, o laboratório de leitura é uma espécie de academia da alma. Para Gallian, cabe ao mediador convidar o participante a ser um “leitor feliz”, ou seja, aquele que vai brincar, se embrenhar numa aventura, lançar-se numa outra dimensão de espaço, tempo e clima. Para isso os clássicos da literatura traduzem a experiência humana em uma profundidade e amplitude que passaram pelo crivo do tempo e apesar do contexto histórico, sociológico em que foram concebidos, continuam sendo válidos universalmente. Ao fazer leitura compartilhada de clássicos as pessoas podem

descobrir o que é o ser humano e se descobrirem a si mesmas. Com o tempo o laboratório de leitura que começou como formativo de profissionais da medicina, acabou por ter um efeito terapêutico percebido nos próprios participantes ao compartilhar suas histórias de leitura.

O esvanecimento da alma, o apagamento de si mesmo, fenômeno muito característico do processo de desumanização deriva do abandono da experiência da reflexão. Inversamente, qualquer proposta de humanização, que almeja devolver ao homem sua alma e sua saúde existencial, requer recolocá-lo no processo de reflexão. (Gallian, 2017, p. 131).

Galeno Amorim, ex-presidente da Biblioteca Nacional e atual presidente da Fundação Observatório do Livro e da leitura, coordena centenas de clubes de leitura e afirma que a leitura compartilhada alivia a tensão e promove bem-estar aos participantes. Amorim (2018) afirma que é também possível trabalhar com uma crônica por exemplo com 30 ou 40 linhas e ter um efeito terapêutico tão poderoso quanto o de um clássico. Devemos promover a “leitura feliz”, leitura com empatia e afeto para reconhecermos-nos em uma obra, isso é que é terapêutico. A partir da emoção e dos sentimentos que a leitura desperta é que se dá o processo terapêutico, é por isso que a pessoa ao ler o mesmo livro por diversas vezes, cada vez a leitura pode impactar sobre o leitor um efeito mais ou menos intenso. Na biblioterapia o mediador é um simples facilitador, não um terapeuta. O terapeuta é o próprio texto, o processo de leitura e apropriação daquele conteúdo, a forma como aquilo impactou o leitor naquele momento. O contrário também pode acontecer. Quando um leitor não se identifica com uma obra e faz críticas, isto também gera boas discussões sobre um determinado assunto.

3.2 Clubes de Leitura

Para Durand e Gerbovic (2024) os clubes de leitura não são uma novidade e se encontram em plena expansão. Há iniciativas por todo o mundo em que se promovem encontros presenciais e on-line. As autoras afirmam que colocar a leitura literária na centralidade de um círculo organizado é transformador. Alteridade, escuta, cidadania e pertencimento: são essas pequenas revoluções que nos devolvem uma cota de humanidade e olhar sensível para seguirmos ampliando laços e sentidos sociais.

Para Thérien (*apud* Jouve, 2002) a leitura é uma atividade complexa, plural que se desenvolve num processo com cinco dimensões: um processo neurofisiológico, em que ler é uma operação de percepção, de identificação e memorização dos signos;

um processo cognitivo, no qual depois de decifrar os signos, o leitor tenta entender do que se trata e concentra-se no encadeamento de fatos; um processo afetivo, o texto suscita no leitor reações emocionais; um processo argumentativo, em que surge a intenção ilocutória, ou seja, o leitor questiona o que lê, pode concordar ou não e sente a necessidade de comunicar algo pela linguagem e um processo simbólico, quando a leitura influencia o imaginário coletivo, neste processo a leitura pode transformar mentalidades. Iser (1985 *apud* Jouve, 2002) afirma que a obra literária tem dois pólos: o pólo artístico e o pólo estético. O pólo artístico seria o texto produzido pelo autor e o pólo estético o sentido que o texto fez para o leitor. Segundo o autor, há sempre duas dimensões na leitura, uma comum a todo leitor que tiver contato com o texto e outra infinitamente variável conforme a interpretação de cada leitor. Nas palavras de Umberto Eco (*apud* Schmitz-Boccia, 2012) “todo texto quer que alguém o ajude a funcionar, ele é uma máquina preguiçosa e vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu”.

Segundo Orlandi (1986), a palavra “texto” no século XII, tinha o significado de “livro do evangelho”. A partir do século XIII, passa a ter um sentido mais geral, referindo-se a conteúdo sagrado ou profano. As palavras “interpretar” e “interpretação” datam do século XII e eram prerrogativas de mestres, não podendo ser atribuídas a um indivíduo.

A “prática de leitura” foi objeto de estudo, a partir dos anos 1970, segundo Fernandes (2023), e foi transformando-se de acordo com a construção social de cada época. A chamada “Nova História” passaria a abordar estudos sob o ponto de vista de grupos humanos. Assim, a prática de leitura é associada aos diversos suportes, conforme a época e local onde ocorriam. Desde as tabuinhas com escrita cuneiforme da antiga Mesopotâmia, passando por rolos de papiros, códices, escritos em pedra, escritos em couro, entre outros, até a escrita virtual dos monitores de computador. Esses suportes determinaram ou, no limite, contribuíram decisivamente para moldar a prática da leitura em cada época específica. Nas sociedades antigas, a escrita era um privilégio de sacerdotes, escribas e demais pessoas ligadas a funções hierárquicas, a leitura era, por definição, uma prática oral e coletiva. Lia-se em voz alta para uma grande quantidade de pessoas. Aprendia-se, com maior frequência, de cor vários textos literários, com era o caso da educação das crianças em Atenas, que decoravam e recitavam trechos das epopeias de Homero.

A prática da leitura silenciosa, ou a leitura individual e em silêncio, só nasceu

com os monges copistas na Idade Média. Os monges que tinham por dever a cópia, isto é, a réplica de manuscritos, fossem clássicos (gregos e romanos) ou cristãos, e o ornamento dos códices (livros em que era inserida a cópia) com iluminuras (arte de ilustração dos códices), necessitavam de um ambiente silencioso que favorecesse a leitura atenta e a precisão para o trabalho. Desde então, essa prática de leitura silenciosa tornou-se comum, sobretudo após a invenção da imprensa por Gutenberg no século XV. No século XVIII, com o advento do romantismo literário e das feiras de livros em várias cidades europeias, a prática da leitura tornou-se um hábito realmente popular e com grande impacto na sociedade. A leitura de panfletos políticos e escritos filosóficos dos iluministas mobilizou, em grande parte, os burgueses da França à ação revolucionária de 1789. A partir do século XIX a prática da leitura expande-se para os meios populares, com a adesão de mulheres e crianças, tanto dentro como fora da escola.

Na década de 1920, surgiram os clubes por assinatura. Nos Estados Unidos, o *Book of the Month* foi uma iniciativa mediante assinatura, pela qual os livros eram enviados pelo correio. Escritores e críticos elaboravam uma lista e os assinantes escolhiam o que queriam receber. Esta iniciativa foi um incentivo à continuação da leitura depois da educação formal na escola e aumentou significativamente a comercialização do mesmo livro por um grande número de pessoas. Foi o início da massificação da leitura e hábito da leitura como recreação. Empreendimentos semelhantes surgiram no Brasil. Em 1943, a Editora Clube do Livro chegou a ter 50.000 associados em 1969 e durou até 1989. Os assinantes recebiam livros mensalmente, a preços populares. A partir de 1973, pelo Círculo do Livro, da Editora Abril e da editora alemã Bertelsmann, os sócios recebiam uma revista quinzenal com dezenas de títulos a serem escolhidos e tinham que comprar ao menos um livro, que possuía bom encadernamento e capa dura. Em 1983 a editora anunciou um quadro de oitocentos mil sócios espalhados por 2,850 municípios brasileiros e a venda de cinco milhões de exemplares. A iniciativa durou até o final da década de 1990. Atualmente, a gaúcha TAG fornece itens da literatura contemporânea mundial, por um valor fixo mensal que também inclui uma revista sobre o autor, um aplicativo com vídeos, playlists temáticas, textos complementares e podcasts, além de acesso a outras pessoas associadas.

Um dos principais representantes dos estudos sobre a história da leitura, o historiador Roger Chartier dedicou-se a investigar o impacto que as práticas de leitura

exerceram naquelas que ele denominou “comunidades interpretativas” ao longo da história. A relação que temos hoje com a leitura, por exemplo, está associada intimamente às construções de hábitos sociais dependentes da tecnologia, como a tela de computador e a internet. Para Chartier (2017), a revolução digital modificou tudo de uma vez: os suportes da escrita, as técnicas de sua reprodução e disseminação, e as maneiras de ler. Tal simultaneidade é inédita na história da humanidade. A invenção da imprensa não alterou as estruturas fundamentais do livro, composto, tanto antes como depois de Gutenberg, por folhas e páginas reunidos em um mesmo objeto. Nos primeiros momentos da era cristã, uma nova forma do livro, o *codex*, se impôs e se substituiu no rolo ou *volumen*, mas não foi acompanhada de uma transformação da técnica de reprodução dos textos, sempre assegurada pela cópia manuscrita. Do ponto de vista intelectual, os clubes de leitura incentivam a leitura integral, de textos longos, com análises mais complexas. Conforme Chartier (2023) vivemos tempos em que a leitura fracionada acontece em larga escala. As gerações mais novas estão mais acostumadas a textos curtos, sem muita elaboração.

Brito (2022), em um estudo sobre bibliotecas públicas e os clubes de leitura, constatou que a intenção dos clubes de leitura é a de ser um espaço de trocas entre os seus participantes, em que cada integrante trará contribuições a partir de suas histórias de vida e cada um poderá compartilhar experiências próprias a partir da vivência com os textos, os quais geralmente são selecionados por serem significativos tanto para os leitores quanto para os mediadores. Estes grupos fazem discussões sobre aspectos relevantes de textos escolhidos previamente, reunindo um grupo fixo de pessoas em encontros sucessivos. Para a autora, o mediador do clube de leitura tem papel importante, ao trazer convidados externos para agregar experiências ou mesmo sugerir conteúdos em diferentes formatos, tais como: vídeos, áudios, outros textos escritos ou pictóricos. A autora ainda afirma que a convivência com o grupo em outros momentos também colabora para o melhor conhecimento dos interesses dos componentes do clube e sua visão de mundo.

Carreño Montero (*apud* Brito, 2022), afirma que os clubes de leitura podem ter suas origens nas ágoras gregas, ou já no século XVIII, nos salões de palacetes franceses, onde aristocratas e burgueses se encontravam para ler livros e discutir novidades intelectuais. Os iluministas se reuniam para discutir a forma de atuação dos governos absolutistas e apresentar novas concepções filosóficas. Os salões eram

espaços mais informais do que as universidades, onde se reuniam representantes de diferentes grupos sociais, desde membros da nobreza até comerciantes e outros. A Figura 4 apresenta o quadro de Lemonnier, onde se reúnem mais de 40 pessoas, entre elas Montesquieu e Diderot, realizando a leitura de uma obra de Voltaire.

Figura 4: Primeira Leitura de Mme Geoffrin, Lemonnier, 1755



Fonte: Wikimedia Commons (2023)

Também há relatos de clubes de leituras formados nos Estados Unidos no século XVIII, onde os ditos puritanos se reuniam para estudar ensinamentos bíblicos. Há registro de clube de leitura de mulheres que eram jornalistas e que sendo impedidas de participar de um evento literário, em Nova Iorque, passaram a se reunir em um grupo chamado *Sorosís* em 1868, para ler e estudar.

“Clubes de leitura, círculos de leitura, tertúlias literárias e grupos de leitura são algumas das nomenclaturas que identificam espaços de leitura e discussão de livros.” (Schmitz-Boccia, 2012, p. 98).

Para Albuquerque (2020), a leitura fica ainda mais legal quando é uma experiência compartilhada, os clubes de leitura ganham popularidade e são formas interessantes de abrir um diálogo sobre as obras lidas, assim como conhecer novos autores e se aventurar em um universo sem fronteiras.

Souza (2018), analisa dois aspectos dos clubes de leitura, sendo: os estudos literários das obras e a socialização decorrente dos encontros regulares de leitura compartilhada. O autor apresenta um panorama dos clubes de leitura da América do Norte, Europa e Brasil. As diversas referências utilizadas apontam aspectos positivos

e negativos dessas iniciativas. Para alguns, os clubes de leitura não exploram as obras literárias de forma plena, não abordando os aspectos literários profundamente, perdendo-se em discussões sobre assuntos pessoais pouco tempo depois do início dos encontros. Para outros, este aspecto de interação social, de empatia é uma característica relevante dos clubes de leitura, uma vez que a maioria dos componentes são pessoas maduras, a procura de círculos de pessoas que tenham interesses em comum e que favoreçam a sensação de pertencimento. O autor enfatiza que há críticas aos clubes de leitura no sentido de não aproveitar as obras literárias em aspectos mais profundos, abandonando o texto em favor do contexto. Nesta medida, torna-se importante o papel do mediador de leitura, que pode estabelecer um certo grau de exigências dos participantes. Assim, o mediador pode determinar o conteúdo a ser discutido a cada encontro, limitar a dispersão para outros assuntos, incentivar a explanação de cada participante e também apresentar informações complementares sobre a obra, tudo como um modelo dirigido por um professor, adotado em escolas. Por outro lado, a socialização tem um aspecto relevante. Há pessoas que consideram a participação em um clube de leitura prazeroso como uma reunião em uma cafeteria, um piquenique ou um lanche entre amigos, além de desfrutar do gosto pela leitura. É possível conciliar a discussão das questões estruturais e formais do livro, com as experiências pessoais dos integrantes. Neste trabalho, o autor não utiliza nenhuma vez o termo “Biblioterapia”, mas defende que “o uso quase terapêutico da literatura é mais uma das suas qualidades e não um defeito” (Souza, 2018, p. 692).

O Observatório do Livro e da Leitura é uma fundação de direito privado que se situa em Ribeirão Preto e desde 1999, atua em projetos de fomento à leitura. A fundação oferece clubes de leitura de forma presencial e on-line em diferentes modalidades. Há clubes de leitura para adolescentes, idosos, pessoas em tratamento de doenças crônicas, pessoas privadas de liberdade, clube de leitura na empresa, figura 5.

Figura 5: Observatório do Livro e da Leitura



Fonte: <https://www.observatoriodolivro.org.br> (2023)

A plataforma indica que mais de 350 clubes foram implantados e 750.000 pessoas foram beneficiadas ao longo de sua existência. A Fundação também oferece Programa de formação em Biblioterapia.

Uma das participantes do “Livrentemente”, objeto de estudo desta dissertação, faz parte do Observatório da Leitura, a ONG de Ribeirão Preto. Ela participa de um clube que promove leituras no cárcere em uma instituição penitenciária feminina na cidade de Araraquara. As leituras são feitas com a intenção de atender a Resolução 391/2021 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que prevê a remissão de quatro dias da pena para cada livro lido pela interna no sistema penitenciário.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa valeu-se de uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória. O método utilizado foi o de estudo de caso e as técnicas consistiram de observação participante, aplicação de questionário semiestruturado e fotografias. O objeto de estudo foi o Clube de Leitura da Biblioteca da FESC, que iniciou as atividades em fevereiro de 2023 e continua em atividade. O Clube é composto por dez participantes mais a mediadora, que é a pesquisadora e realizou a observação participante fazendo a coleta de dados para fins desta pesquisa durante a realização das atividades do Clube até o final de 2023. Um questionário foi elaborado com perguntas a cerca das impressões das participantes a respeito das atividades realizadas. Foram elaboradas quatro versões do instrumento de pesquisa, sendo a quarta versão aplicada às participantes. O questionário é composto por 16 questões fechadas em escala Likert, em que as notas atribuídas de cada questão variam de 1 a 5, conforme o grau de importância, 1 (para o menos expressivo) a 5 (para o mais expressivo). Há também uma questão dissertativa para registrar os depoimentos das participantes sobre as atividades realizadas.

Para Yin (2016), a pesquisa qualitativa tornou-se uma forma aceitável, senão dominante, de pesquisa em muitas áreas do conhecimento. Segundo o autor, por meio da pesquisa qualitativa, pode-se estudar o significado da vida das pessoas, representar suas opiniões e perspectivas, sem deixar de lado o contexto em que vivem. A pesquisa qualitativa revela conceitos existentes ou emergentes e explicam o comportamento social utilizando-se de múltiplas fontes de evidência.

De acordo com Wildemuth (2009) a maioria dos estudos de caso são qualitativos e conduzidos em campo. Estudo de caso é um fenômeno examinado em um ambiente natural, seus dados são coletados por diversos meios, uma pessoa ou um grupo pode ser examinado, sua complexidade é estudada exaustivamente e o pesquisador deve explorar. Nenhum controle ou manipulação está envolvido, assim como conjunto de variáveis não são definidos previamente. Os resultados dependem de atitudes integrativas do pesquisador, já que o fenômeno de interesse inclui uma variedade de fatores que podem ser diretamente observados. Mudanças de métodos podem ocorrer conforme o pesquisador desenvolve novas hipóteses. Questões como: por quê, como e porque são analisadas ao longo de um tempo e o foco está nos acontecimentos contemporâneos. Uma abordagem de estudo de caso também pode ser usada em

pesquisas para descrever intensamente o fenômeno de interesse. Estudos de caso são úteis em diferentes tipos de pesquisas, tais como: exploratórias confirmatórias, descritivas e avaliativas. O primeiro passo na concepção de um estudo de caso é que se defina claramente sua questão de pesquisa, em seguida faz-se uma revisão completa da literatura. Outras etapas são: identificar a unidade de análise, determinar o foco do estudo e planejar os procedimentos de coleta de dados. A coleta de dados pode incluir documentação, registros, entrevistas, questionários observações diretas. Estudos de caso geram dados ricos sobre um caso específico e contribuem para a ampliação de uma teoria emergente.

A coleta de dados por meio da observação participante é uma técnica da investigação social. Segundo Wildemuth (2009), trata-se de uma observação de comportamentos no contexto em que ocorrem, de forma natural. Muito utilizada na antropologia e sociologia, na observação participante o pesquisador envolve-se ativamente nos eventos da pesquisa em andamento. Ao participar das atividades pessoalmente, o pesquisador tem uma melhor compreensão das pessoas e dos processos sociais transcorridos naquele ambiente. O método é utilizado para estudos descritivos, tanto os que exploram uma nova área de interesse de pesquisa, como para os que já têm teorias empiricamente fundamentadas. O pesquisador, como observador participante, tem papel duplo: participar e observar. O ponto relevante da participação observante é a postura que o pesquisador assume perante os indivíduos analisados, uma vez que ele se torna participante e observador. O pesquisador precisa encontrar o equilíbrio entre as funções de envolvimento e distanciamento do objeto em estudo. Atuando com empatia e conexão afetiva, o pesquisador tem a compreensão cognitiva do ambiente. Por outro lado, o pesquisador também mantém uma certa neutralidade, não se propõe a provar uma concepção ou a manipular dados. O observador participante é explicitamente ciente do que está acontecendo no ambiente. Ele é capaz de compreender o contexto da cultura da pesquisa, influenciar e ser influenciado por ela. O processo de observação participante tem algumas fases. Primeiro o observador entra em campo. A seguir, estabelece um relacionamento com os indivíduos observados, pautado em respeito mútuo e reciprocidade. Na fase seguinte, o observador assume algum papel dentro da cultura que está sendo estudada. Ao mesmo tempo que participa da cultura, o pesquisador reflete sobre ela. Para isso, pode utilizar-se sistematicamente de anotações, diários, sínteses sobre o que é contemplado. Deslizes podem decorrer de conclusões influenciadas pela

imersão do pesquisador na cultura observada. Neste caso, o observador mantém distanciamento do objeto observado para refletir sobre suas impressões, isto revela a natureza trabalhosa da observação participante.

Minayo (2001) apresenta a técnica da observação participante como aquela que se realiza por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno social observado. Fazendo parte do contexto em que atuam os atores sociais, o pesquisador estabelece uma relação próxima aos observados, neste processo, modifica o meio em que se dão as atividades e é modificado por ele. A observação participante viabiliza a percepção de situações que não seriam possíveis de atingir pela realização de perguntas. Assim como uma participação plena, também é facultado ao observador fazer um distanciamento do grupo e observá-lo para fim de análises. A aceitação do pesquisador pelo grupo é um fator decisivo nesse processo metodológico. A observação participante pode servir como complemento a outras formas de coleta de dados. O pesquisador participante consegue identificar aspectos significativos que vão surgindo ao longo da realização das atividades de pesquisa. Na observação participante o pesquisador interfere no contexto social em que atua e sofre a interferência dele, assim pode investigar de maneira mais profunda o fenômeno ocorrido.

Resultados dos diferentes métodos de coleta de dados podem ser combinados através da triangulação. Esta abordagem foi desenvolvida por Denzin (1978, *apud* Minayo; Assis; Souza, 2005) e consiste na integração de dados coletados. Trata-se da combinação dos diferentes instrumentos de pesquisa para aumentar a consistência dos resultados gerados. Assim, pode-se avaliar se os dados gerados nas entrevistas são equivalentes ou não aos colhidos nos questionários, por exemplo. A triangulação como superação dialética do positivismo e do compreensivismo, também serve para complementar algum dado que ficou implícito na coleta. Assim, é feita combinação de diferentes instrumentos de pesquisa para a coleta ou geração dos dados, tais como: observações diretas, entrevistas, mensagens nos aplicativos, histórias de vida dos entrevistados, narrativas, questionários, vídeos. O que a triangulação faz é cruzar diferentes métodos de coleta de dados em uma mesma pesquisa, combinando três ou mais instrumentos. A maior contribuição que a triangulação oferece para a pesquisa qualitativa é afiançar a sua validade. Essa validade é obtida quando há consistência de resultados entre diferentes métodos de coleta. O uso da triangulação na pesquisa qualitativa pode contribuir para aumentar a

validade da pesquisa, enriquecer a coleta de dados e também aumentar a confiança do pesquisador quando ele encontra afirmação de resultados obtidos em diferentes tipos de instrumentos de coleta de dados.

A seguir, apresentam-se instituição FESC, o Clube de Leitura objeto deste estudo de caso e também um resumo das atividades realizadas no “Livramento”.

4.1 Fundação Educacional São Carlos (FESC)

A Fundação Educacional São Carlos – FESC (Figura 6) situa-se na região central do Estado de São Paulo é uma autarquia da Prefeitura Municipal de São Carlos. Criada em dezembro de 1971, tem por missão promover a educação de jovens e adultos em sua função qualificadora ou permanente, objetivando assegurar a cidadania, entendendo-a como o exercício pleno dos direitos civis, políticos, econômicos e sócio culturais.

Figura 6: Fachada da FESC



Fonte: www.fesc.com.br (2019)

Situada no antigo Estádio Rui Barbosa, fica em uma propriedade com de mais de 16.000 m², com áreas verdes, estacionamento, espaços esportivos, parque infantil, piscina semiolímpica, quadra poliesportiva, biblioteca, brinquedoteca, auditório e espaços de ensino. A FESC trabalha com seis diferentes programas, a saber: Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), Universidade Aberta do Trabalhador (UNIT), Programa de Inclusão Digital (PID), Centro Esportivo e Cultural (CEC), Escola Municipal de Governo (EMG), Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). Dispõe também da TV Educativa de São Carlos (TVE) que opera a partir do Centro Municipal de Audiovisual Gisto Rossi e tem parceria com a TV Brasil e a TV

Ufscar. Alguns desses programas oferecem cursos para adultos a partir de 18 anos, outros para adultos acima de 40 anos, outros ainda para trabalhadores da rede municipal de São Carlos.

A FESC foi pioneira em iniciativas para atender os idosos. Já no ano de 1995 implantou o Programa Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) para a Inclusão social de pessoas adultas e idosas, por meio de processos formativos nas áreas de Saúde, Cultura, Esportes, Lazer e Cidadania/Trabalho, ofertando oficinas de artes e artesanato, coral, musicalização, dança, teatro, literatura, vôlei adaptado à maturidade, palestras, visitas e promoção de eventos artísticos e culturais.

Atualmente (2024) a FESC disponibiliza cerca de cem modalidades de cursos para um número aproximado de três mil pessoas a partir de dezoito anos. Os cursos são oferecidos de forma presencial e virtual, nas frentes de capacitação profissional, qualidade de vida e inclusão digital. Os alunos matriculados são idosos em sua maioria. Os preços cobrados são em média 50 por cento mais baixos do que os praticados pelo mercado. Há também disponibilização de bolsa integral para quem atestar a necessidade de fazer atividade física por motivo de saúde.

No campus I da Fundação, situa-se a Biblioteca Comunitária da FESC (BCO-FESC). Criada em 2001, integra o Sistema de Bibliotecas de São Carlos (SIBISC). A biblioteca da FESC é registrada no Conselho Regional de Biblioteconomia – 8ª Região, é inscrita no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) e também inscrita no Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB). A BCO-FESC, tem como público-alvo os alunos do programa UATI, além de servidores públicos municipais, educadores, funcionários da FESC e também a comunidade em geral. O acervo da biblioteca é formado por cerca de seis mil itens e engloba:

- a) Literatura nacional e internacional em português, inglês e espanhol;
- b) Clássicos da literatura;
- c) Literatura contemporânea sobre tecnologias;
- d) Literatura contemporânea sobre racismo, feminismo, meio ambiente;
- e) Livros técnicos relacionados às disciplinas da FESC;
- f) Literatura religiosa abrangendo o espiritismo, cristianismo, judaísmo, budismo, islamismo, entre outros;
- g) Artes, Filosofia, Sociologia, Música, Teatro, Cinema e TV;
- h) Literatura infantojuvenil;

- i) Literatura fantástica;
- j) Graphic novels;
- k) Literatura em quadrinhos;
- l) Mangás.

No ano de 2019 a FESC foi contemplada com o Projeto do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO) do governo do Estado de São Paulo. Em uma parceria com o Departamento de Ciências Ambientais da Universidade Federal de São Carlos (DCAm-UFSCar) e com o Centro de Divulgação Científica e Cultural da Universidade de São Paulo (CDCC-USP).

A biblioteca passou por uma reforma (Figura 7).

Figura 7: Antigas instalações da Biblioteca da FESC



Fonte: a autora (2019)

Entre as iniciativas do Projeto FEHIDRO, esteve a instalação de uma ecobrinquedoteca na biblioteca da FESC (Figura 8).

Figura 8: Ecobrinquedoteca da FESC



Fonte: Edson Ferreira (2022)

Com recursos da FESC, a biblioteca recebeu novas instalações e mobiliário, a unidade passou a funcionar no piso inferior da Fundação, ao lado da quadra de esportes (Figura 9).

Figura 9: Novas instalações da Biblioteca da FESC



Fonte: Edson Ferreira (2022)

Em 2023, a Biblioteca da FESC propôs à diretoria dois projetos atrelados ao programa CEC da Fundação, a fim de promover atividades intergeracionais aos frequentadores. O primeiro foi o projeto “Ecobrinquedoteca da FESC como espaço

de Educação Ambiental”. O segundo projeto proposto foi a implantação de um Clube de Leitura na Biblioteca da FESC, sendo este como projeto permanente, conforme Apêndice B. Ambos os projetos tiveram aprovação da diretoria e as atividades foram disponibilizadas ao longo do ano. As atividades do Clube de Leitura tiveram início em fevereiro e as de Educação Ambiental no mês de abril.

4.1.1 Clube de Leitura da Biblioteca da FESC: dinâmica e relato das atividades de 2023

O Clube De Leitura da Biblioteca da FESC iniciou as atividades em 10 de fevereiro de 2023. A biblioteca dispõe de local adequado para promover as reuniões. Trata-se de um espaço com ar condicionado, duas mesas, quinze cadeiras, um notebook, projetor, (Figura 5).

Figura 10: Espaço utilizado pelo Clube de Leitura



Fonte: A autora (2023)

O Clube é composto por dez participantes, mais a mediadora de leitura que é bibliotecária na FESC. As reuniões são semanais, todas as quintas-feiras às 14h, com uma hora e meia de duração. A idade das integrantes do Clube varia de 25 a 78 anos. A matrícula para participação no Clube é anual e deve ser feita na secretaria da

Fundação, não há cobrança de mensalidade para participação. No primeiro encontro, o grupo se reúne para eleger uma obra sobre a qual irá debater durante as próximas semanas, então a Fundação compra um exemplar para cada integrante. A obra é dividida em capítulos para a realização da leitura compartilhada, cerca de 40 páginas por semana. A cada encontro discutem-se os assuntos abordados nos capítulos selecionados. Para enriquecer as discussões, utilizam-se outros bilitextos como contos, crônicas, artigos, documentários, filmes que abordem assuntos semelhantes aos apresentados no livro. Materiais complementares utilizados nos encontros são disponibilizados no grupo de Whatsapp, para que as integrantes que não puderam comparecer tenham acesso aos conteúdos. Exibem-se documentários sobre os autores, movimentos literários, tradições culturais, assuntos que tenham sido abordados na obra. Exibem-se também filmes, mas em outras salas da Fundação que têm estrutura para projeção de filmes. Outras atividades literárias também são promovidas, tais como: encontro com autores, oficinas de poesia e visitas a feira de livros. Ao final de cada encontro serve-se um café na copa, ao lado da biblioteca, com produtos que as próprias participantes trazem para um momento de confraternização. Assim, atividades variadas complementam a leitura compartilhada (Figura 11).

Figura 11: Atividades realizadas no “Livremente”



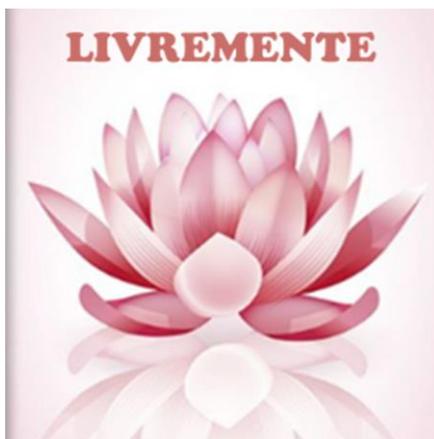
Fonte: elaborado pela autora (2023)

A seguir, apresenta-se um histórico resumido das atividades do Clube de Leitura da FESC, para ilustrar a abrangência de interações proporcionadas no decorrer do ano de

2023.

No primeiro encontro do Clube de Leitura da Biblioteca da FESC fizemos as apresentações e definimos o logotipo do Clube (Figura 12). O nome já tinha sido dado pela bibliotecária. “Livramento”, uma alusão à palavra livro que em francês é *livre* e também uma alusão à libertação de condições mentais, as quais a literatura pode nos proporcionar.

Figura 12: Logotipo do Clube de Leitura da FESC



Fonte: a autora (2023)

Depois de apresentar a elas o texto “O bom leitor” de Solomon (1974), indagou-se a respeito do gosto de leitura de cada uma e fizemos a escolha do primeiro título. Criou-se um grupo no aplicativo WhatsApp, para nos comunicarmos e também para compartilhar os materiais utilizados nos encontros e fotos das reuniões. No encontro seguinte fizemos uma oficina de poesia com um poeta local. O primeiro livro eleito falava sobre viagem no tempo, então em outra ocasião lemos o conto *O som do trovão*, de 1952 sobre o mesmo tema, foi uma experiência impactante e bem humorada. Na ocasião da distribuição do primeiro livro expliquei que os exemplares seriam disponibilizados a cada participante sem a obrigação de devolução, assim elas teriam a liberdade de sublinhar e fazer anotações no livro. A maioria decidiu doar o item à biblioteca depois de terminarmos a leitura compartilhada, nossa intenção é doar os livros para outras iniciativas de clubes de leitura em comunidades. Durante a distribuição uma das participantes presenteou todo o grupo com um marca-páginas em forma de coração (Figura 13).

Figura 13: Foto da turma com o primeiro livro do Livremente



Foto: A autora (2023)

No dia 23 de abril, comemoramos o Dia Internacional do Livro. Para a ocasião, pedi que cada participante do Clube pensasse num “Livro da Vida”, um livro que foi o que a pessoa mais gostou de ler ou um que fez muito sentido em determinada época, enfim um livro marcante e pedi que trouxessem se ainda tivessem em casa. Para a atividade, reservei uma sala com estrutura para exibição de filmes, uma sala grande, com projetor, uma tela maior, cortinas corta sol e cadeiras mais adequadas. Primeiramente exibi a animação de curta metragem de William Joyce *Para as crianças se encantarem com os livros* (Figura 14).

Figura 14: *Para as crianças se encantarem com os livros*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=siU1QwvAiHU&list=LL&index=12&t=12s>

Figura 16: Documentário exibido sobre o autor



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=EtjdOcMXT2A&t=35s>

Algumas participantes já tinham lido *O retrato de Dorian Gray* e comentaram as diferentes impressões que tiveram nesta segunda leitura. Num dos encontros, para abordar o peso do passar dos anos na vida do ser humano, apresentei uma crônica de Zuenir Ventura *Um idoso na fila do DETRAN*, para falarmos sobre a velhice de forma descontraída, natural e bem humorada.

No encerramento do semestre distribuimos canecas decoradas do nosso Clube de Leitura (Figura 17).

Figura 17: Entrega das canecas decoradas do “Livramento”



Fonte: A autora (2023)

Começamos o segundo semestre com a escolha do próximo livro e no mês de agosto fizemos uma visita à Feira do Livro de Ribeirão Preto. Participaram algumas integrantes do Clube, alguns bibliotecários da cidade, alunos da UFSCar e pessoas da comunidade. Visitamos a Biblioteca Sinhá Junqueira e trouxemos um exemplar de "As Pequenas Doenças da Eternidade" autografado pelo autor Mia Couto (Figura 18).

Figura 18: Visita à Feira do Livro em Ribeirão Preto



Fonte: A autora (2023)

Em um dos encontros fizemos uma roda de conversa com base em um artigo sobre um tema atual e polêmico: o revisionismo na literatura (Figura 19).

Figura 19: Clássicos e artistas celebrados entram na mira de nova onda revisionista



Fonte: <https://veja.abril.com.br/cultura/obras-classicas-e-artistas-celebrados-caem-na-mira-de-onda-revisionista>

Para o encerramento do ano, como nosso último livro foi sobre o amor, propus que cada participante apresentasse um item: uma música, uma poesia, uma citação, um quadro, uma oração, um símbolo enfim alguma representação de que elas gostassem sobre o amor. Amor romântico, amor de mãe, amor fraternal. Foi uma atividade emocionante, com depoimentos de famosos, poemas, citação, quadro, músicas e livro (Figura 20).

Figura 20: Atividade sobre o amor



Fonte: a autora (2023)

Durante a realização das atividades foi possível observar que espontaneamente, surgiu um vínculo afetivo entre as participantes. Fizemos uma confraternização de final de ano fora da biblioteca. Para o ano de 2024, uma das integrantes do Clube perdeu o prazo de matrícula e conseqüentemente a perdeu a vaga. Todas lamentaram, de forma que pedimos para a diretoria da FESC a disponibilização de mais uma vaga no "Livrentemente". Agora temos onze participantes e o primeiro integrante do sexo masculino (Figura 21).

Figura 21: Primeiro encontro de 2024



Fonte: a autora (2024)

A fim de investigar as percepções das integrantes do Clube de Leitura da FESC em atividades desenvolvidas durante o ano de 2023, foram feitas observações, registros escritos e fotografias. As participantes do Clube sabiam (desde o início das atividades em fevereiro) que uma pesquisa de mestrado sobre o “Espaço de Educação Ambiental da Ecobrinquedoteca” estava em andamento. No mês de junho anunciou-se a mudança de tema para o Clube de Leitura da FESC e, ao perguntar se elas estavam dispostas a colaborar com este trabalho, respondendo questionário e compartilhando suas impressões, todas concordaram. O questionário versão 4 (Apêndice A) foi aplicado às integrantes no final das atividades de 2023, de forma não identificada. No penúltimo encontro do “Livramento”, após a leitura em conjunto do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), juntamente com o Termo de Autorização de Uso de Imagem Pessoal, as participantes assinaram os documentos. Cada uma levou consigo um questionário impresso dentro de um envelope sem identificação e devolveram respondidos diretamente na secretaria da FESC.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir apresentam-se os resultados às questões por categoria de assunto, seguidos de considerações da pesquisadora. Os gráficos foram elaborados a partir das respostas elaboradas em escala Likert. Apresentam-se também os depoimentos das respondentes de forma transcrita.

Como é característica dos alunos da FESC, a maioria das participantes do “Livramento” é composta por pessoas com mais de sessenta anos de idade (Quadro 2).

Quadro 2: Faixa etária das participantes

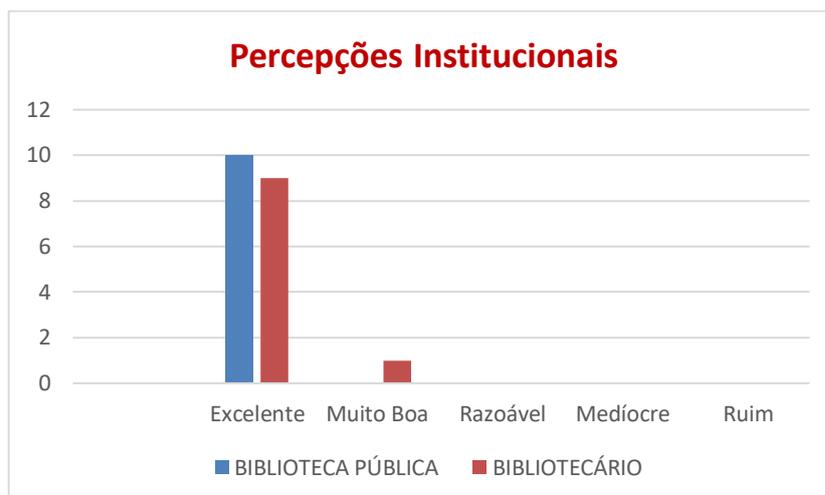
FAIXA ETÁRIA	NÚMERO DE PARTICIPANTES
18 a 25 anos	1
40 a 59 anos	3
60 a 79 anos	6

Fonte: dados da pesquisa (2023)

A mescla de faixa etária foi um fator positivo para o grupo. Como expresso por Paiva (2015) as trocas intergeracionais aprimoram os processos de construção de conhecimento e cultura na contemporaneidade. Durante os encontros foi possível observar que as longevas aconselham as mais jovens que passam por desafios pelos quais as primeiras já passaram. As mais jovens dão atenção e demonstram preocupação com as mais longevas ao relatarem suas questões de saúde e problemas causados pelo distanciamento da família e perda de entes queridos.

As participantes consideram a Biblioteca Pública um local adequado para a implantação de clubes de leitura e o bibliotecário como profissional preparado para a mediação de leitura, conforme Gráfico 1.

Gráfico 1 – Biblioteca Pública e bibliotecário adequados para clubes de leitura



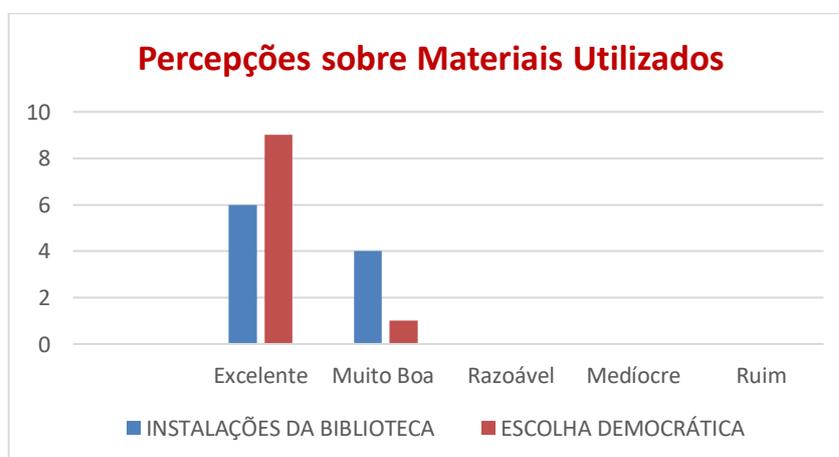
Fonte: dados da pesquisa (2023)

As participantes depositam confiança nesta instituição para a promoção de atividades na modalidade de clubes de leitura. Durante as atividades foi possível observar uma espécie de resgate à biblioteca pública. Algumas integrantes relataram experiências de leitura e realização de trabalhos escolares na adolescência em bibliotecas. O seguinte depoimento confirma esta impressão:

Sou participante do clube de leitura (Livrementemente), mas muito antes eu era e sou frequentadora da biblioteca assídua. Portanto o clube de leitura vem a acrescentar. A leitura compartilhada foi nova pra mim, mas valeu muito! Agradeço por esta oportunidade e vamos em frente!! Obrigada!

As integrantes do “Livrementemente” consideram que a Biblioteca da FESC possui instalações e equipamentos adequados à realização das atividades do Clube e que a escolha dos livros utilizados foi feita de forma democrática (Gráfico 2)

Gráfico 2: Sobre as instalações e materiais utilizados no Clube

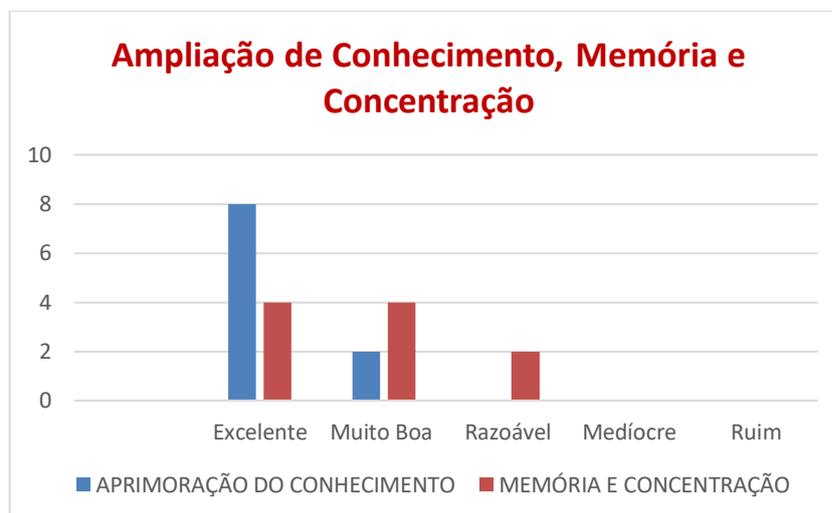


Fonte: dados da pesquisa (2023)

A ambiência, conforme explicitam Almeida Jr (2009) e Gomes (2017), é de suma importância para que as interações ocorram de forma satisfatória. Notou-se que as participantes se sentem imersas em um espaço agradável, com recursos adequados para o bem-estar físico, considerando que permanecemos uma hora e meia sentadas em reunião. Da mesma forma, a relação horizontal do grupo permite que todas expressem seus gostos literários e opinem na escolha das obras. Todas nos sentimos felizes quando chegam os livros novos. Aqui notam-se os requisitos de criação de ambiência para a imersão na dimensão dialógica da informação.

As respondentes concordam que tiveram seus conhecimentos em geral aprimorados e também que a participação no “Livrentemente” foi uma forma de exercitar a memória e concentração por meio das leituras, de acordo com o gráfico 3.

Gráfico 3 – Sobre aprimoração dos conhecimentos, memória e concentração



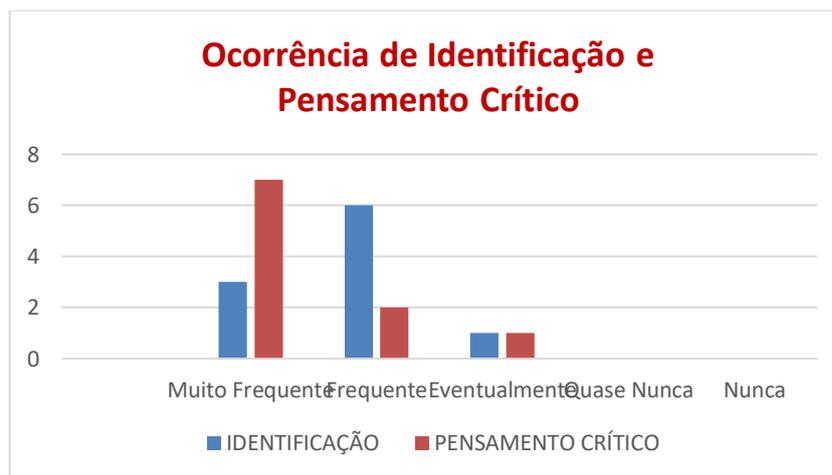
Fonte: dados da pesquisa (2023)

Ficou evidente para a pesquisadora que os Clubes de leitura servem como incentivo para quem tem o hábito da leitura, bem como para quem pretende de adquirir este hábito. Neste sentido, a ampliação do conhecimento e melhora da memória e concentração servem de base para trilhar os caminhos para a apropriação da informação pelo sujeito. Primeiro a pessoa toma para si as informações e as processa individualmente, posteriormente na troca com o outro surgem as transformações e ressignificações. Aqui cabe mais um depoimento:

Eu gostei muito de participar este ano do clube do livro. Portanto vou continuar. Foi muito bom nossos encontros. Me ajudou muito na concentração, nos conhecimentos, nas leituras compartilhadas, nas amizades! Foi ótimo.

As respondentes identificaram fatos e sentimentos descritos nas obras como sendo semelhantes a ocorridos em suas vidas. Da mesma forma, a maioria atribui grande importância ao aspecto de que o Clube de Leitura faz com que pensemos em fatos, experiências, ou mesmo comentários de outras pessoas e que tudo isso ajuda a formar nossa própria opinião e também a questionar o funcionamento do mundo (Gráfico 4).

Gráfico 4: Ocorrência de identificação e estímulo ao pensamento crítico



Fonte: dados da pesquisa (2023)

Conforme Caldin (2010), pela identificação o sujeito assimila um aspecto do personagem, estabelece uma relação de empatia com ele. Na leitura do clássico, algumas integrantes, incluindo a pesquisadora, que já o tinham lido, relataram que a obra fez um sentido completamente diferente do que haviam experienciado décadas atrás. Foi possível observar como o leitor tem maior compreensão de seus próprios comportamentos e sentimentos evocados e aprimora o autoconhecimento. Nas obras em geral, ao ouvirmos umas às outras, percebemos que a problematização do tema se intensifica e após aprendermos sobre novos assuntos e ouvir diferentes relatos, desenvolvemos o pensamento crítico a respeito de um tema que nos é caro. Neste item percebem-se indícios do alcance da dimensão formativa da mediação da informação, conforme as considerações de Gomes (2020). A identificação como componente biblioterapêutico também esteve presente nas atividades do Clube. Depoimentos:

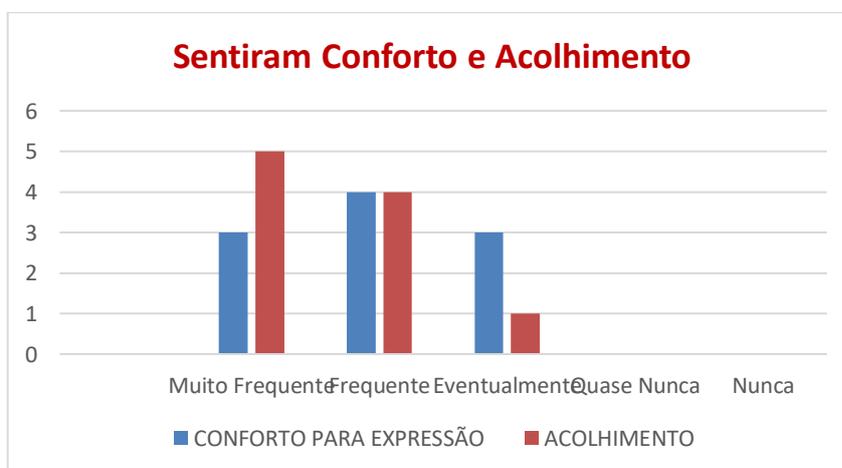
O clube de leitura é uma ferramenta poderosa para enfrentar o desafio de estar conectada semanalmente às leituras propostas. É o momento de se abastecer de trocas de informações, pensamentos e novas ideias. Quando vejo a dificuldade para entender o que a proposta do autor escolhido nos apresenta em sua obra, são as discussões sobre o que se está lendo com os

demais integrantes do grupo-me ajudam a elaborar o texto. É uma grande iniciativa da condutora e bibliotecária.

A leitura compartilhada proporcionada pelo clube de leitura Livrentemente, da FESC, foi uma experiência incrível para mim... Cada encontro, cada comentário apresentado, sério, leve, às vezes cheio de ironia e, neste caso de humor também, deixou a análise da obra bem mais interessante, até aquela que isoladamente eu não me motivaria a ler... e, quando demo-nos conta estávamos trocando ideias, experiências pessoais, “descendo nossos muros”, abrindo nossas janelas... de forma natural, recebendo o antigo vento benfazejo de uma boa amizade. Aliás, de muitas! De perspectivas e tempos e situações diferentes. Os encontros foram de muita contribuição, acredito que para todas, de alguma forma. Também parablenizo a mediadora do grupo e bibliotecária da FESC, que com seu profissionalismo e sensibilidade, conduziu a turma com carinho, respeito e deixando todas e à vontade para se manifestar espontaneamente, além de sempre trazer um assunto novo, interessante, por meio de textos, poesias, convites pontuais a outros profissionais ou de interesse comum conforme o andamento das leituras. Recomendo o clube fantástico, cheio de segredos, cumplicidade, contos e muita, muita poesia! Poesia e amor, em grupo!

As participantes sentiram-se confortáveis para falar de suas próprias experiências de vida e compartilharem quais sentimentos foram suscitados pelos textos (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Sensação de conforto e acolhimento para expressão



Fonte: dados da pesquisa (2023)

Conforto para se expressar e acolhimento por parte das colegas, conforme Gomes (2018), revelam o alcance da dimensão estética da mediação da informação. Observou-se o prazer e a satisfação nas sessões de leitura. Neste item, identificaram-se componentes biblioterapêuticos. O cenário de afetividade proporciona conforto emocional, assim as participantes sentem-se à vontade para compartilhar suas experiências pessoais, seus conflitos, suas dores, bem como suas conquistas, suas venturas. O que se confirma no depoimento:

Quando fiquei sabendo da iniciativa da Bete em promover um clube de leitura na biblioteca fiquei muito entusiasmada. Para alguns aspectos foi um divisor de águas na minha vida. Embora alguns livros não tenham superado minhas expectativas, os contos, poesias, sessões de filmes foram ótimos e mais que complemento dos livros. Sempre de forma dinâmica, descontraída, democrática e acima de tudo com respeito, a nossa turma pode ter muito aprendizado e porque não dizer, boas risadas e choros de emoção. Agradeço imensamente a oportunidade de fazer parte deste grupo. Viajei para lugares desconhecidos, conheci costumes de outros países, saboreei diversos sabores e conheci pessoas incríveis, sem sair da biblioteca. Foi ótimo!

Ao questionar se as participantes concordavam que as obras literárias concorrem para que entendamos o que aconteceu em nossas vidas de um modo diferente e tenhamos novas perspectivas, as respostas foram positivas (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Sobre a ocorrência de Resignificação pela leitura



Fonte: dados da pesquisa (2023)

Após a identificação e a troca de experiências com o grupo, o sujeito experimenta a assimilação de novas perspectivas, uma transformação, como afirma Gomes (2018). Nesta etapa, alcança-se dimensão formativa da mediação.

Sob a ótica da biblioterapia, conforme Caldin (2010) observou-se a identificação e a manifestação de impressões e sentimentos por parte das integrantes, uma purgação de emoções. Ouviu-se algumas vezes a frase: “Isso aqui é uma terapia!”. É o que observamos neste depoimento:

A experiência no clube foi não só gratificante como enriquecedora! A leitura compartilhada trouxe a troca de experiências vividas, troca de diversos prismas baseados na vivência de cada participante. Criou uma cumplicidade, uma amizade. Os filmes às vezes trouxeram conversas mais profundas, talvez por conta de se poder visualizar e não só imaginar uma situação... As oficinas foram interessantes, assim como o encontro com autores. Já a visita à feira de livros foi um acontecimento à parte. Conhecer a biblioteca (Biblioteca Sinhá Junqueira em Ribeirão Preto), passear pelos corredores, todas nós extasiadas com tamanha beleza.! Passeando pelos estandes dos

livros foi interessante verificar a preferência de cada uma das amigas leitoras. Enfim, o Clube de Leitura Livremente tem como objetivo a leitura, mas seu alcance vai muito além, nos trazendo qualidade de vida intelectual e espiritual.

As respondentes concordaram com a afirmação de que o humor é uma boa forma de abordar assuntos sérios em grupo (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Sobre a importância do Humor nas atividades de leitura



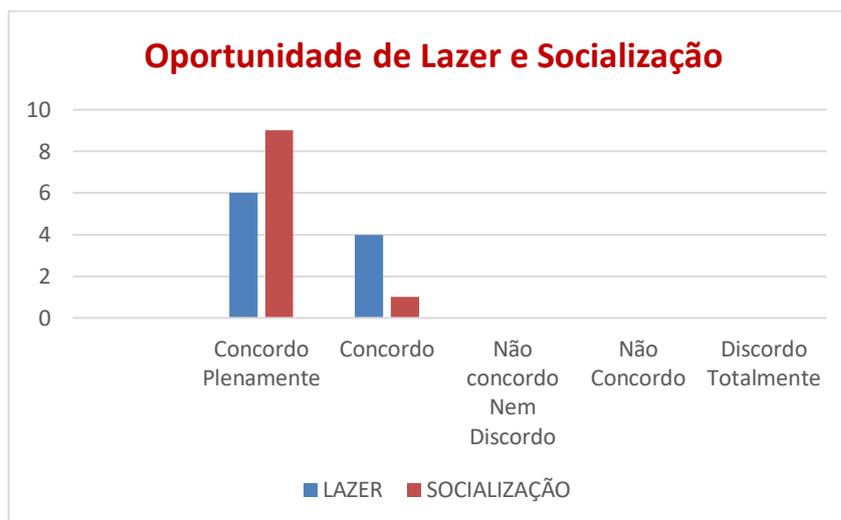
Fonte: dados da pesquisa (2023)

Presente na dimensão estética da mediação da informação, o humor proporcionou momentos de prazer e satisfação durante as leituras realizadas. O humor foi também um dos componentes biblioterapêuticos percebidos.

Foi a minha primeira experiência em um clube de leitura. E nesta fase da minha vida, aposentada há anos, com tempo ocioso e percebendo um declínio cognitivo, foi desafiador ocupar uma tarde por semana com um grupo formado por pessoas em diferentes faixas etárias e diferentes formações profissional e cultural. Os momentos cafezinho no final de cada encontro foram muito agradáveis. A visita à Feira do Livro em Ribeirão Preto foi muito interessante, me senti uma colegial em excursão.

A participação no “Livremente” foi uma importante oportunidade de lazer e socialização para as integrantes, conforme Gráfico 8.

Gráfico 8 – Sobre a importância de lazer e socialização



Fonte: dados da pesquisa (2023)

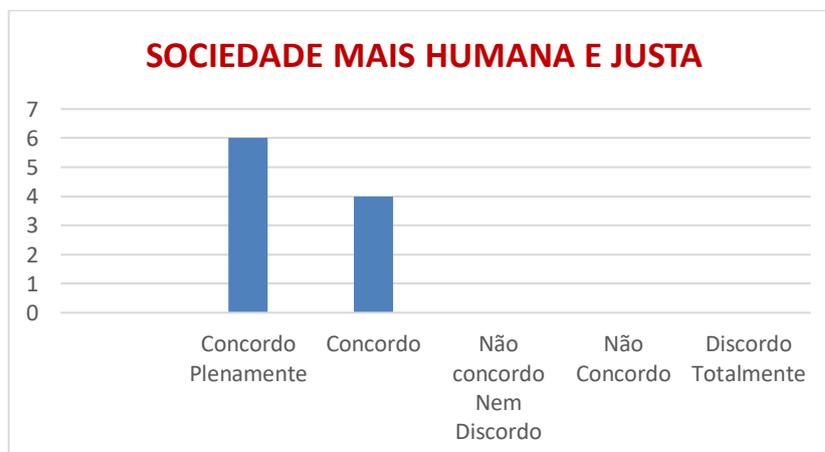
Foi possível observar que as integrantes apreciaram no Clube as oportunidades de lazer e socialização. Na realização das atividades criamos laços de amizade.

Foi uma experiência muito rica, tanto quanto à interação entre as pessoas, quanto à diversidade dos assuntos abordados. Creio que a miscigenação de gerações e culturas tornou o convívio extremamente produtivo e divertido.

Não tenho muito o que falar. Simplesmente um dos melhores momentos da vida quando estou lá!

Notou-se que as integrantes acreditam que a participação em clubes de leitura pode contribuir para alcançarmos comunidades mais humanas e justas, como demonstrado no gráfico 9.

Gráfico 9 – Contribuição para comunidades mais humanas e justas



Fonte: dados da pesquisa (2023)

Eu sou por natureza amante da leitura. O clube de leitura é um espaço de diferentes aprendizados (cognitivos e emocionais), bem como de convívio

social, lazer e diversão. A mediação respeitosa e acolhedora possibilita criar momentos de trocas profundas e de grandes aprendizados. Muito além do crescimento literário, o grupo se uniu criando laços de amizade e de acolhimento. Certamente esta é uma grande contribuição para a sociedade.

Clubes de leitura podem contribuir para o atendimento do ODS 3 (ONU, 2015) da Agenda 2030 - Saúde e bem estar para todos em todas as idades.

6 CONCLUSÕES

A ideia que deu origem a esta pesquisa foi a percepção da necessidade de implantação de políticas públicas globais para promover a socialização das pessoas, notadamente dos idosos. Em contrapartida, havia a percepção de que essas iniciativas já estavam presentes em nível local, no caso da FESC. Conclui-se que esta pesquisa atingiu seus objetivos, pois as reflexões a partir da literatura apresentada nesta dissertação, acompanhada de resultados empíricos coletados em campo demonstrou que a mediação da informação exercida pelo bibliotecário de forma consciente pode promover a socialização das pessoas no contexto dos Clubes de Leitura. O “Livramento” testemunhou quatro das cinco dimensões da mediação da informação, a dimensão dialógica, a dimensão estética, a dimensão ética e a dimensão formativa da informação, assim como ocorrências de biblioterapia.

Há poucos estudos sobre os efeitos da solidão na saúde mental das pessoas no Brasil. Encontramos apenas uma pesquisa sobre a sensação de solidão e os efeitos causados em estudantes na faixa etária de 13 a 17 anos. Com o envelhecimento da população, conclui-se que seriam interessantes mais estudos sobre como vivem as pessoas que moram sozinhas em nosso país, cujo percentual já chega a 15,9 % do total da população.

O “Livramento” tem características bem peculiares por se tratar de um grupo intergeracional. Com a observação da dinâmica entre as participantes de 25 a 78 anos, pôde-se concluir que as trocas de experiências entre pessoas de diferentes faixas etárias em um clube de leitura, trazem vivências enriquecedoras em processos educativos, culturais e sociais.

Outra característica peculiar do livramento é que proporciona uma diversidade de atividades. Notou-se que atividades dinâmicas empolgam os participantes de clubes de leitura. Recursos audiovisuais são potencializadores de apropriação da informação. Em clubes de leitura outros materiais e mídias enriquecem os conhecimentos, instigam debates sobre diversos temas, incentivam o pensamento crítico assim são louváveis iniciativas como: convites para oficinas de poesia, encontro com autores, visita a feiras literárias, exibição de documentários sobre descobertas literárias, enfim quaisquer atividades que potencializem a experiência de mediação da informação.

Conforme os encontros foram se realizando, as participantes passaram a se conhecer melhor e a se sentirem mais à vontade para expressar os próprios sentimentos e compartilhar suas experiências de vida durante os debates sobre as obras lidas. Notou-se que é importante respeitar o tempo de cada participante. Alguns chegam falantes no primeiro encontro, outros demoram mais a se manifestar. Alguns chegam com uma bagagem literária grande, outros estão no clube para adquirir o hábito da leitura. Alguns falam abertamente de suas experiências de vida, outros preferem se deter aos acontecimentos experimentados pelos personagens e à trama da obra. Desta forma, concluímos que cabe ao mediador de leitura reconhecer e respeitar o tempo de cada um para criar a ambiência necessária para alcançar plenamente a dimensão dialógica da informação.

É necessário que o mediador da informação em clubes de leitura aprecie a literatura, goste de fazer pesquisas literárias, tenha um bom repertório de obras lidas, deve ter a mente aberta para compreender e aceitar diferentes pontos de vista e sugestões de leitura. Estas características são imprescindíveis para que o mediador apresente conteúdos de qualidade e adequados ao grupo com o qual está lidando. A escolha de livros, contos, crônicas e outros textos compatíveis com o público atendido provocará reflexões e emoções que levarão ao alcance da dimensão estética da mediação da informação.

Ao mediador cabe manter o equilíbrio de manifestação dos participantes do grupo, para que não existam verdades absolutas, o mediador deve assegurar que todos expressem suas opiniões priorizando os interesses de todo o grupo como bem maior. Neste sentido, conclui-se que a formação horizontal dos clubes de leitura favorece o alcance da dimensão ética da mediação da informação.

Uma atuação cuidadosa e verdadeira por parte do mediador trará inevitavelmente mais conhecimentos, mais reflexões, mais exercício da memória e ressignificação de saberes e emoções. Pode-se concluir que a premissa para fazer parte de clubes de leitura é que seja feita de forma espontânea. Neste caso, o indivíduo decide participar de um clube é porque é um apreciador nato da literatura ou porque tem interesse em adquirir o hábito da leitura. Assim, o alcance da dimensão formativa da mediação da informação ocorre como uma consequência.

Pode-se afirmar que as atividades de mediação da informação desenvolvidas no Clube de Leitura da FESC alcançaram as dimensões dialógica, estética, ética e formativa da informação inferindo a efetividade de suas atuações. Na percepção da

dimensão estética da mediação, verificaram-se indícios de biblioterapia.

Indicativos de biblioterapia foram notados em algumas atividades, nos textos que não foram lidos previamente em casa, por exemplo. Textos apresentados em contos, crônicas, animações, músicas e mesmo, passeio literário provocaram reações catárticas. Manifestações como muito riso, choro, depoimentos pessoais, sucederam a estes tipos de atividades, constatando-se a ocorrência de componentes biblioterapêuticos.

Sobre a biblioterapia, concluímos que o fato de existir um percentual menor de pessoas que precisem recorrer à biblioterapia clínica (aplicada por profissionais da saúde) não pode privar um percentual maior de pessoas que passam por experiências comuns a todos em determinadas fases da vida e que podem encontrar acolhimento e abrandamento de suas questões numa atividade biblioterapêutica promovida por um clube de leitura.

A atuação consciente do mediador da informação em um clube de leitura intergeracional pode proporcionar incremento do hábito de leitura, ampliação do conhecimento, melhora da auto-estima, consciência emocional, resignificação de experiências, autoconhecimento, lazer, laços de amizade, sensação de pertencimento. Assim, conclui-se que os clubes de leitura são dispositivos valiosos para a atuação do bibliotecário, que atuando de forma explícita e consciente, poderá proporcionar condições para que os participantes se apropriem da informação.

A experiência de mediação de um clube de leitura em uma instituição pública nos faz concluir que bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas podem exercer seu protagonismo social praticando advocacy em sua unidade de trabalho ao solicitar apoio dos gestores públicos para a implantação de clubes de leitura que atendam as demandas de suas comunidades.

Foi perceptivo que a implantação de clubes de leitura locais, envolvendo pessoas de diferentes faixas etárias, pode contribuir para a formação de comunidades mais humanas e justas. O bibliotecário, no exercício de seu protagonismo social, pode atuar em mediação de clubes de leitura intergeracionais, contribuindo assim para atender ao ODS 3 da Agenda 2030 - Saúde e bem estar para todos em todas as idades.

Evidenciou-se que a Ciência da Informação pode dar seu contributo social por meio do exercício consciente da mediação da informação aplicada em clubes de leitura, colaborando para amenizar o problema da solidão das pessoas.

Este trabalho termina com a sugestão de implantação de uma disciplina optativa de Mediação de Clubes de Leitura e Biblioterapia para apresentar os conceitos de mediação consciente da informação na grade curricular do curso de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Conceitos como: mediação explícita da informação, mediação consciente da informação, dimensões da mediação da informação, efetividade na mediação da informação, biblioterapia, curadoria de livros, estratégias de mediação da informação para diferentes públicos, implantação e perenidade de clubes de leitura; seriam importantes para fundamentar conhecimentos dos graduandos que tenham perfil de atuação em mediação cultural sejam melhor preparados para atuar em bibliotecas públicas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, L. **10 clubes de livros para participar sem sair de casa**. 2020. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/10-clubes-de-livros-para-participar-sem-sair-de-casa>. Acesso em 7 jul 2023.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **Biblioteca pública: avaliação de serviços**. Londrina. Eduel, 2013.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens”. *In: Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v.2, n.1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>. Acesso em: 7 fev 2023.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Org.). *Mediação oral da informação e da leitura*. Londrina: ABECIN, 2015. 278p.p.9-32.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Ação cultural e protagonismo social. In: GOMES, HF; NOVO, HF *Informação e protagonismo social*. Salvador: EDUFBA 2017.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). *The Librarian's Guide to Bibliotherapy*. Chicago: ALA, 2023. Disponível em: <https://alastore.ala.org/bibliotherapy>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- ASSIS, Pamela Oliveira. *Biblioterapia: entrelaces da mediação da informação com a mediação da leitura*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) UFBA, Salvador, 2022.
- AMORIM, Galeno; GALLIAN, Dante. *Panorama TV Cultura explica: o que é a Biblioterapia*. São Paulo, 2018. **YouTube**: Canal do Galeno. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tcoFVH85KOs&t=893s>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *A ciência da informação como ciência social*. **Ciência da informação**, v. 32, p. 21-27, 2003.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Tendências contemporâneas da Ciência da Informação**. Recife, 2018. Youtube: Laboratório Liber UFPE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rC96Pdh8RN4&t=5150s>. Acesso em: 23 nov. 2020.
- ARAÚJO, C.A.A. *Teorias e tendências contemporâneas da Ciência da Informação*. **Informação em pauta**, Fortaleza, v.2, n.2, p. 9-34, dez. 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33233/1/2017_art_caaaraujo.pdf. Acesso em: 12 ago. 2021.
- BBC News Brasil. *Reino Unido nomeia secretária para combater a solidão*. 2018. Disponível em: Acesso em 20 set 2019. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42724200>.
- BRASIL. **Política Nacional do Idoso - Lei N.º 8.842/94, Decreto n.º1.948/96 que Regulamenta a PNI**. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em: 24 ago. 2021.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 24 ago. 2021.

BRASIL. **Estatuto do Idoso - Lei nº 1.741/2003**. Brasília. Senado Federal, 2005. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10741-1-outubro-2003-497511-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 24 ago. 2021.

BREWSTER, Liz. *Bibliotherapy: a critical history*. In: MCNICOL, Sarah; BREWSTER, Liz. *Bibliotherapy*. London: Facet Publishing, 2018.

BRITO, Regina Garcia. *Clubes de leitura, Literatura e Biblioteca: perspectivas da mediação cultural na era da informação*. 2022. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-09112022-151307/en.php>. Acesso em 4 jun 2023.

CALDIN, Clarice Fortkamp. *Leitura e terapia*. **Tese (doutorado)** - Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Literatura Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

CALDIN, Clarice Fortkamp. *Biblioterapia: um cuidado com o ser*. Porto de Idéias editora, 2010.

CALDIN, C. F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/147/14701204.pdf>. Acesso em 3 jul 2023.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **1º Fórum de Biblioterapia no Brasil - Bate papo com Clarice Caldin. Encontros Bibli & PGCin**, UFSC, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tmvAmriESj4&t=5664s&ab_channel=EncontrosBibli%26PGCin-UFSC. Acesso em 16 out 2023.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A teoria merleau-pontyana da linguagem e a biblioterapia. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 9, n. 1, p. 23-40, 2011.

CALHEIRA, F. J. S.; SANTOS, R. R.; JESUS, I. P.; ASSIS, P. O. Tendências da produção científica sobre a mediação da informação e mediação da leitura voltada para o idoso. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 25, n. 3, p. 588-602, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/151858>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. 2009.

CANDIDO, A. *et al.* *Direitos humanos e literatura. Direitos humanos E... Cjp/Ed. Brasiliense*, v. 122, 1989.

CHARTIER, Roger. *Novas tecnologias e a história da cultura escrita. Obra, leitura, memória e apagamento. Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.35, n.71, p.17-29, 2017. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/628/397>. Acesso em: 17 out 2023.

CHUBACI, Rosa Yuka Sato. *Dados do IBGE revelam que o Brasil está envelhecendo. Jornal da USP*. 2023. Disponível em : <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-revelam-que-o-brasil-esta-envelhecendo>. Acesso em 5 nov 2023.

CONCEIÇÃO, BIFANO E COSTA. *Estudo piloto acerca do uso das tecnologias digitais na contemporaneidade pelas pessoas idosas do município de Viçosa MG. SESC Mais60*

estudos sobre envelhecimento, São Paulo, v. 31 n. 78, dez. 2020 p. 75. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/740_INSTITUICOES+DE+L ONGA+PERMANENCIA. Acesso em: 15 ago. 2021.

DURAND, Janine; GERBOVIC, Luciana. **Mediação de clubes de leitura**. São Paulo, SisEB, 2024. Disponível em: <https://siseb.sp.gov.br/evento/curso-ead-mediacao-de-clubes-de-leitura--turma-1-marco-abril2024>. Acesso em 8 mar 2024.

DW Reino Unido cria Ministério da Solidão. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/reino-unido-cria-minist%C3%A9rio-da-solid%C3%A3o/a-42193361>. Acesso em:

FEBAB. **Bibliotecas por um mundo melhor**: agenda 2030. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4563>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FERNANDES, Claudio. História da leitura. Goiania: Rede Ominia. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/historia-leitura.htm>. Acesso em 17 out 2023.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. ETD: Educação Temática Digital, v. 4, n. 2, p. 3, 2003.

FESC. **Nossas atividades**: programação 2022. Disponível em: <https://fesc.com.br/informativo-fesc-2022>. Acesso em 04 jan. 2022.

FONTES. Gustavo Geaquinto. Brasil tem 11,8 milhões de pessoas que moram sozinhas. Belo Horizonte, Estado de Minas, 2023. https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2023/06/16/interna_nacional,1508125/brasil-tem-11-8-milhoes-de-pessoas-que-moram-sozinhas-diz-ibge.shtml.

FREHSE, Rob. **Saiba quem é a primeira “embaixadora da solidão” do estado de Nova York**. 2023. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/terapeuta-sexual-e-nomeada-primeira-embaixadora-da-solidao-do-estado-de-nova-york/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

GALLIAN, Dante. A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.

GOMES, Henriette Ferreira. O ambiente informacional e suas tecnologias na construção dos sentidos e significados. **Ciência da Informação**, v. 29, p. 61-70, 2000.

GOMES, Henriette Ferreira. Ação e comunicação: contribuições de Hannah Arendt e Jürgen Habermas para a compreensão do locus da dialogia, da ética e do protagonismo no fazer informacional. **XI COLÓQUIO HABERMAS & II COLÓQUIO DE FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO**, p. 69-85, 2016.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade**: estudos, v. 30, n. 4, p. 1-23, 2020.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 16 set. 2021.

GOMES, Henriette Ferreira. A biblioteca pública e os domínios da memória, da mediação e da identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, p. 151-163, 2014.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. *Informação & Informação*, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 46–59, 2014. DOI: 10.5433/1981-8920.2014v19n2p46. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em: 15 jan 2024.

GOMES, HF; NOVO, HF. *Informação e protagonismo social*. Salvador: EDUFBA, 2017.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação consciente da informação; categoria fundante ao protagonismo profissional e social. O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. Florianópolis: Rocha; Nyota, 2019. a, v. 1, p. 187-206. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4048>. Acesso em 5 jan 2024.

GONÇALVES, S. R. P.; GRACIOSO, L. S.; SILVA, C. R. Atuação do bibliotecário junto a população em situação de rua. *Informação@Profissões*, v. 7, n. 1, p. 114-133, 2018. DOI: [10.5433/2317-4390.2018v7n1p114](https://doi.org/10.5433/2317-4390.2018v7n1p114) Acesso em: 21 ago. 2021. IBGE.

GOV.UK. **Prime Minister Theresa May launches Government's first loneliness strategy**. 2018. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/news/pm-launches-governments-first-loneliness-strategy>. Acesso em 20 ago 2022.

GUEDES, Beto. **O sal da terra**. Belo Horizonte: EMI-Odeon, 1981. Disco vinil (3:26 min).

IBGE. **Brasil Censo Demográfico 2022**: população na cidade de São Carlos. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-carlos/panorama>. Acesso em: 5 nov 2023.

IFLA. **As bibliotecas e a implementação da Agenda 2030 da ONU**. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/hq/topics/libraries-development/documents/libraries-un-2030-agenda-toolkit-pt.pdf>. Acesso em 19 dez. 2021.

JESUS, Ingrid Paixão de; GOMES, Henriette Ferreira. Dimensões da mediação da informação e suas contribuições para a formação do mediador da leitura: aproximações teóricas e empíricas. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, v. 26, 2021.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: UNESP, 2002.

KOSCIEJEW, M. **Public libraries and the UN 2030 Agenda for Sustainable Development**. 46, n. 4, p. 328-346, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0340035219898708>. Acesso em: 18 dez. 2021.

LE COADIC, Yves François. *A Ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LEITE, Manuela Bravo; CALDIN, Clarice Fortkamp. Programas de aplicação da Biblioterapia no Reino Unido. *Brazilian Journal of Information Science: research trends*, v. 11, n. 3, 2017.

LEMONNIER. Anicet Charles. **Primeira Leitura de Mme Geoffrin**, da Tragédia de Voltaire, 1755. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Salon_de_Madame_Geoffrin.jpg. Acesso em: 12 ago 2023.

LUCCA, D. M.; VITORINO, E. V. Diretrizes para o desenvolvimento da competência em informação de idosos sob o a perspectiva da mediação da informação. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XX ENANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123404>. Acesso em: 21 ago. 2021.

LYTRAS, Nikiforos. **Antígona perante a morte de Polinices**. Galeria Nacional de Atenas, 1865. Disponível em: <https://www.nationalgallery.gr/en/artwork/antigone-and-polynices>. Acesso em : 2 fev 2024.

MCNICOL, Sarah. Theories of bibliotherapy. *In*: MCNICOL, Sarah; BREWSTER, Liz. *Bibliotherapy*. London: Facet Publishing, 2018.

MENEZES, L. L. B. LOPES, E. F. B. Perfil dos idosos participantes do projeto “era uma vez... atividades intergeracionais”: características sociodemográficas, intergeracionalidade e perspectivas. **SESC Mais60 estudos sobre envelhecimento**, São Paulo, v. 31, n. 77, ago. 2020, p. 53. Disponível em: <https://olhe.org.br/biblioteca/033-revista-sesc-familismo.pdf>. Acesso em: 18 set. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO MCS, ASSIS SG, SOUZA ER. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005. 244 pp.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves. **Biblioterapia: a dinâmica de uma ação entre biblioteca, leitura literária e cuidado**. a dinâmica de uma ação entre biblioteca, leitura literária e cuidado. RECODE, 2019. Disponível em: www.plataforma.recode.org.br. Acesso em: 19 jul. 2023.

NUNES, Michelle Fleury. *Biblioteca hospitalar: reflexões sobre conceitos, serviços e produtos*. 2019.

ONG. **Observatório do Livro e da Leitura**. Ribeirão Preto. 2023. Disponível em: <https://www.observatoriodolivro.org.br/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

OMS. WHA73.1. Covid-19 response. In: *Seventythird World Health Assembly*, 19 May 2020. Disponível em: . Acesso em: 28 set. 2021.

OMS. WHO Commission on Social Connection. Genebra, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/groups/commission-on-social-connection>. Acesso em: 04 jan. 2024.

ORLANDI, E.P. *A história do sujeito leitor*. Porto Alegre: Letras de hoje, 1986.

ONU BRASIL. **Agenda 2030: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. Brasília, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 4 jan. 2022.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Bibliothérapie: Lire c'est guerir**. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

PAIVA, S. B. *Oficinas intergeracionais: saberes e fazeres da experiência, mediação cultural e significação*. 2015. **Tese** (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.27.2015.tde-13112015-092819. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-13112015-092819/pt-br.php>. Acesso em: 21 ago. 2021.

- PAIVA, S. B. Ações intergeracionais: a ressignificação do idoso nas instituições informacionais. **Informação@Profissões**, v. 5, n. 1, p. 75-93, 2016. DOI: [10.5433/2317-4390.2016v5n1p75](https://doi.org/10.5433/2317-4390.2016v5n1p75). Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/68002>. Acesso em: 21 ago. 2021.
- PEBMED. Solidão é questão de saúde pública, aponta Comissão de Conexão Social da OMS. 2023. Disponível em: <https://pebmed.com.br/solidao-e-questao-de-saude-publica-aponta-comissao-de-conexao-social-da-oms>. Acesso em 4 jan 2023.
- PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. In: GOMES, HF; NOVO, HF Informação e protagonismo social. Salvador: EDUFBA, 2017.
- PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. *Informação & Informação*, v. 19, n. 2, p. 01-22, 2014.
- PIERUCCINI, Ivete. Informação, educação e conhecimento: pressupostos e perspectivas da disciplina. Tópicos para o ensino de biblioteconomia: São Paulo: ECA-USP, 2016. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002746731.pdf>. Acesso em: 10 agosto 2023.
- PIERUCCINI, Ivete. Mediação e protagonismo cultural: a Estação Memória. In: GOMES, HF; NOVO, HF Informação e protagonismo social, 2017.
- PINSKY, Ilana. Na epidemia da solidão, conexões sociais nunca foram tão importantes. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/mens-sana/na-epidemia-da-solidao-conexoes-sociais-nunca-foram-tao-importantes>. Acesso em 25 fev 2024.
- RODRIGUES, R. M. Solidão, Um Fator de Risco. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, [S. l.], v. 34, n. 5, p. 334–338, 2018. DOI: 10.32385/rpmgf.v34i5.12073. Disponível em: <https://rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/12073>. Acesso em: 9 jan. 2024.
- SCHMITZ-BOCCIA, Andréa. Clubes de leitura: a construção de sentidos em situações de leitura colaborativa. **Veras**, v. 2, n. 1, p. 97-113, 2012.
- SANTOS, Raquel do Rosário; SOUZA, Ana Claudia Medeiros de; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Os valores pragmático, afetivo e simbólico no processo de mediação consciente da informação. *Informação & Informação*. Londrina, v. 26, n. 1, p. 343 – 362, jan./mar. 2021.
- SEIXAS, Cristiana Garcez dos Santos. Vagar sem pressa no esconderijo da vida alada: em busca da alma na educação. 2018.
- SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. *Ciência da Informação*, v. 6, n. 1, 1977.
- SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia aplicada com estudantes de Biblioteconomia da UFSC: uma vivência terapêutica com histórias. In: **XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. 2016.
- SOUZA, W. E. R. de. Clubes de leitura: entre sociabilidade e crítica literária. *Informação & Informação*, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 673–695, 2018. DOI: 10.5433/1981-8920.2018v23n3p673. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29187>. Acesso em: 20 set. 2023.

SPANEMBERG, Lucas. **Por que a solidão virou uma das grandes preocupações de saúde do século 21**. 2023. BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd145rv214ko>. Acesso em 4 nov 2023.

TORBJÖRN TAPANI. Campanha contra a solidão. **Revista Pesquisa Fapesp**, ed. Ed. 336, fev. 2024. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/campanha-contra-a-solidao>. Acesso em: 23 fev 2024.

TUKHARELI, Natalia. Read to connect: reading to combat loneliness and promote resilience. **In: MCNICOL, Sarah; BREWSTER, Liz**. Bibliotherapy. London: Facet Publishing, p. 77-92, 2018.

VECHIATO, Fernando Luiz; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. Idoso como usuário da informação. **Estudos de usuários da informação**. Brasília: Thesaurus, p. 97-125, 2014.

VEGA, MORSCH. A década do envelhecimento saudável (2021-2030) na região das Américas. **SESC Mais 60 estudos sobre envelhecimento**. v. 32 n. 80, p. 11, 2021. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/ed-80-a-decada-do-envelhecimento-saudavel-2021-2030-na-regiao-das-americas>. Acesso em: 19 nov. 2021.

VENTURA. Zuenir. **Um idoso na fila do Detran**. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/um-idoso-na-fila-do-detran-cronica-de-zuenir-ventura>. Acesso em: 12 nov 2023.

WILDEMUTH, Barbara M. **Applications of social research methods to questions in information and library science**. Londres: Libraries Unlimited, 2009.

WIKIPEDIA. **Círculo do Livro**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADrculo_do_Livro. Acesso em: 10 out. 2023.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016. E-PUB. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=AeafCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=natureza+da+pesquisa+qualitativa+&ots=W529LJfMyA&sig=M3yJ0qZG_9rRIdn29jLDu-F9mgA#v=onepage&q=natureza%20da%20pesquisa%20qualitativa&f=false. Acesso em: 17 jan. 2022.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO – v.4

1. Qual a sua faixa etária?

- entre 18 e 25 anos
- entre 26 e 39 anos
- entre 40 e 59 anos
- entre 60 e 79 anos
- Acima de 80 anos

2. A participação no clube de leitura da FESC contribuiu para melhorar minhas habilidades de escuta, fala, leitura e escrita.

- Concordo plenamente
- Concordo
- Não tenho opinião formada
- Discordo
- Discordo Plenamente

3. As atividades de leitura compartilhada no clube de leitura da FESC me possibilitaram extrair sentidos nas obras envolvendo linguagens verbal e não verbal.

- Concordo plenamente
- Concordo
- Não tenho opinião formada
- Discordo
- Discordo Plenamente

4. Ao fazer a leitura dos livros, contos e textos no clube de leitura da FESC, aprendi e passei a usar novas palavras e expressões em minha fala e escrita.

- Concordo plenamente
- Concordo
- Não tenho opinião formada
- Discordo
- Discordo Plenamente

5. As atividades de leitura contribuíram para melhorar meu nível de concentração.

- Concordo plenamente
- Concordo
- Não tenho opinião formada
- Discordo
- Discordo Plenamente

6. A participação no Clube de Leitura me proporcionou acesso a novas informações sobre pessoas, lugares, eventos históricos, questões filosóficas entre outros.

- Muito
- Bastante
- Razoavelmente
- Pouco
- Não proporcionou

7. A escolha dos livros que lemos ao longo do ano foi feita de forma democrática.

- Concordo plenamente
- Concordo
- Não tenho opinião formada
- Discordo
- Discordo Plenamente

8. Participar de um clube de Leitura nos faz pensar em fatos, experiências, comentários de outras pessoas, que ajudam a formar nossa própria opinião e também a questionar o funcionamento do mundo.

- Concordo plenamente
- Concordo
- Não tenho opinião formada
- Discordo
- Discordo Plenamente

9. Durante as leituras compartilhadas, identifiquei fatos e sentimentos relatados nas obras como alguns ocorridos de forma semelhante em minha própria vida.

- Concordo plenamente

- Não tenho opinião formada
- Não identifiquei

10. Eu me senti à vontade para falar de minhas próprias experiências de vida, quando as obras abordavam situações semelhantes pelas quais os personagens passavam.

- Muito
- Bastante
- Razoavelmente
- Pouco
- Não me senti à vontade

11. Os debates sobre as obras literárias nos ajudam a entender o que aconteceu em nossas vidas de um modo diferente, com novas perspectivas.

- Concordo plenamente
- Concordo
- Neutro
- Discordo
- Discordo Plenamente

12. É bom falar de assuntos sérios de forma descontraída e com humor.

- Concordo plenamente
- Concordo
- Neutro
- Discordo
- Discordo Plenamente

13. A biblioteca pública é um lugar apropriado para a instauração de clubes de leitura.

- Concordo plenamente
- Concordo
- Neutro
- Discordo
- Discordo Plenamente

14. O bibliotecário é um profissional adequado para atuar como mediador de clubes de leitura.

- Concordo plenamente
- Concordo
- Neutro
- Discordo
- Discordo Plenamente

15. A participação em Clubes de Leitura em geral, pode contribuir para alcançarmos uma comunidade mais humana e justa.

- Concordo plenamente
- Concordo
- Neutro
- Discordo
- Discordo Plenamente

16. A partir de sua participação no clube de leitura da FESC, atribua notas de 1 a 5 conforme o grau de importância que os diversos aspectos listados abaixo tiveram para você.

- Aprimoramento do Conhecimento
- Interação Social
- Atividades Terapêuticas
- Memória e concentração
- Lazer

17. Deixe um depoimento a respeito de sua participação no Livremente – o clube de leitura da FESC. Conte um pouco como foi sua experiência ao participar de leitura compartilhada de livros, contos, poesias e textos, sessões de filmes, documentários, músicas, visita a Feira de Livros, encontro com autores, oficinas.

APÊNDICE B – Projeto Permanente Clube de Leitura



Fundação Educacional São Carlos

1. PROJETO PERMANENTE

Título: **CLUBE DE LEITURA NA BIBLIOTECA DA FESC**

O clube de leitura da Biblioteca da Fundação Educacional São Carlos (FESC) será uma atividade integrante do programa Centro Esportivo Cultural (CEC). As atividades do clube consistirão de leituras compartilhadas seguidas por debates sobre assuntos de obras previamente selecionadas pelo próprio grupo.

2. JUSTIFICATIVA

Os fundamentos teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação asseguram que os Clubes de Leitura promovem literacia informacional e literária para as pessoas, além de proporcionar inclusão social. A biblioterapia com a promoção de atividades lúdicas, sobre variados temas, auxiliam as pessoas a lidarem com os seus problemas físicos, emocionais, sociais. Assim, justifica-se a implantação do Clube de Leitura da Biblioteca da FESC, como forma de ação cultural da biblioteca. O Clube de Leitura será uma contribuição para educação ao longo da vida e socialização das pessoas, princípios estes que se encontram no cerne de atuação da Fundação.

3. OBJETIVOS

A implantação do Clube de Leitura tem por objetivo promover:

- o desenvolvimento competências leitoras,
- a troca de experiências de leitura,
- a ampliação do conhecimento,
- o enriquecimento do vocabulário,
- o aprimoramento da concentração,
- o desenvolvimento do pensamento crítico,
- sobretudo, inclusão social.

4. PROGRAMAÇÃO

Os encontros serão semanais com duração de 1 hora e meia, sempre às quintas-feiras a partir das 14 horas, nas dependências da biblioteca da FESC. Poderão participar do clube de leitura alunos, servidores municipais e toda a comunidade, com idade a partir de 18 anos. O clube terá o número máximo de 10 (dez) integrantes. A aquisição de um livro para cada participante ficará por conta da Fundação.



Fundação Educacional São Carlos

5. BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que são práticas informacionais?** Informação em pauta, 2017.

ARAUJO, Raquel Gonçalves da Silva de et al. 50 tons de cinza e relacionamento abusivo: um olhar do cárcere. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, p. 390-405, 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral; BARBOSA, Andreza Gonçalves; DE SÁ, Jéssica Patrícia Silva. Práticas informacionais em Clubes de Leitura. **Folha de Rosto**, v. 8, n. 1, p. 83-103, 2022.

FREIRE, Madalena. 3. O que é um grupo? 1992. Disponível em: <https://www.famema.br/ensino/pdd/docs/oqueeumgrupo.pdf>. Acesso em 21 out 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GUEDES, Mariana Giubertti; BAPTISTA, Sofia Galvão. Biblioterapia na ciência da informação: comunicação e mediação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 18, n. 36, p. 231-253, 2013.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

MARTINS, Leoneide Maria Brito. Boas práticas na formação de mediadores de leitura e os desafios do ensino remoto. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 9, n. especial, p. 1-14, 2022.

MONTEIRO, Ciro Athayde Barros. Clube de leitura entre os muros do cárcere. In: **Anais do 28º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB**. 2019.

OLIVEIRA, Lucia Maciel Barbosa de. Reflexões acerca da disciplina Teorias da ação cultural. **Tópicos para o ensino de biblioteconomia: volume I**. Tradução. São Paulo: ECA-USP, 2016. p. 190. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002746707.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2022.

PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.
SOUZA, Willian Eduardo Righini de. Mediações entre as expectativas do leitor comum e do crítico literário em relação aos clubes de leitura. **Anais: XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (XVIII ENANCIB)**. 2017.



Fundação Educacional São Carlos

TEIXEIRA, Ana Paula Santos Souza et al. Conectados pela leitura: o Clube de Leitura Virtual Rosa dos Ventos no IFBA-Campus Paulo Afonso. **Revista Fontes Documentais**, v. 4, n. Ed. especial, p. 119-130, 2021.

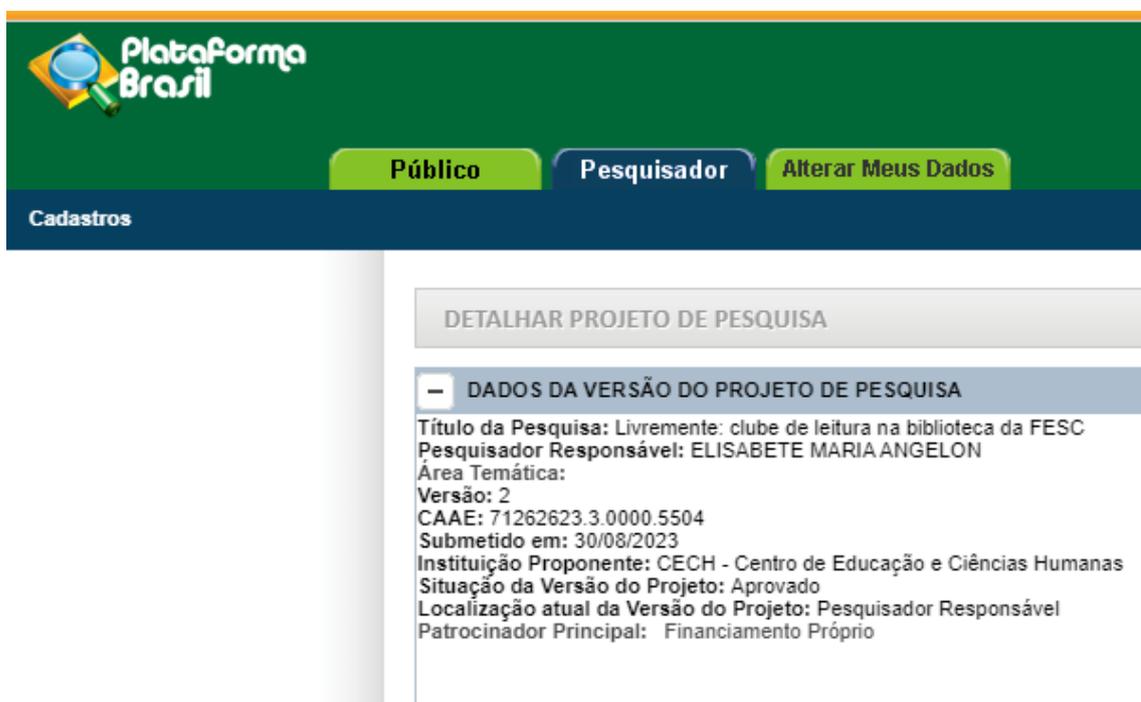
VERAS, Vivianne Muniz. Clube do livro da Associação dos Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação do Distrito Federal. **Revista Eletrônica Da ABDF**, v. 4, n. 2, p. 112-158, 2020.

XAVIER, Ana Laura Laura Silva. Literatura e Feminismo: o Clube de Leitura Leia Mulheres Marília. **Biblioteca Escolar em Revista**, v. 6, n. 2, p. 48-61, 2018.

São Carlos, 9 de janeiro de 2023

Elisabete Maria Angelon
Bibliotecária

ANEXO 1
PLATAFORMA BRASIL
Dados do Projeto Aprovado



The screenshot displays the 'Plataforma Brasil' interface. At the top left is the logo, which consists of a magnifying glass over a globe with the text 'Plataforma Brasil' next to it. Below the logo are three navigation buttons: 'Público' (green), 'Pesquisador' (blue), and 'Alterar Meus Dados' (green). A dark blue bar below these buttons contains the word 'Cadastros'. The main content area is titled 'DETALHAR PROJETO DE PESQUISA' and features a sub-section 'DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA' with a minus sign icon. The details listed are:

- Título da Pesquisa: Livramento: clube de leitura na biblioteca da FESC
- Pesquisador Responsável: ELISABETE MARIA ANGELON
- Área Temática:
- Versão: 2
- CAAE: 71262623.3.0000.5504
- Submetido em: 30/08/2023
- Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas
- Situação da Versão do Projeto: Aprovado
- Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
- Patrocinador Principal: Financiamento Próprio